

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC JARRIER OLIVEIRA FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DE TAIWAN PARA A ESTRATÉGIA DE DEFESA  
MARÍTIMA DA CHINA NO SÉCULO 21:**  
uma análise à luz dos ensinamentos de Geoffrey Till e Ian Speller.

Rio de Janeiro

2024

CC JARRIER OLIVEIRA FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DE TAIWAN PARA A ESTRATÉGIA DE DEFESA  
MARÍTIMA DA CHINA NO SÉCULO 21:**

uma análise à luz dos ensinamentos de Geoffrey Till e Ian Speller.

Dissertação apresentada à Escola de  
Guerra Naval, como requisito parcial para  
a conclusão do Curso de Estado-Maior  
para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Alceu Oliveira  
Castro Jungstedt

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2024

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

## AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar minha gratidão a todos que contribuíram para a conclusão deste trabalho acadêmico.

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder a sabedoria e força necessárias para superar os desafios e alcançar o sucesso no concurso de seleção ao CEMOS-2024.

Agradeço profundamente à minha esposa, Carolina, por seu constante apoio e incentivo, especialmente nos momentos difíceis. Sua compreensão e encorajamento foram fundamentais para minha perseverança e determinação.

Aos meus pais, Ailton e Celi, minha eterna gratidão por suas incansáveis orações e pelo apoio incondicional ao longo desta jornada.

Aos meus sogros, Luiz e Márcia, pelo apoio constante, compreensão e incentivo que tanto me fortaleceram ao longo deste percurso.

Ao meu irmão Misael e minha cunhada Juliana, pela compreensão diante das minhas ausências nos eventos familiares, permitindo que eu me dedicasse plenamente a esta pesquisa.

Ao meu orientador, CMG Jungstedt, agradeço pelas orientações precisas e seguras, que foram essenciais para ajustar o rumo deste trabalho e alcançar os objetivos desejados.

Por fim, agradeço a Escola de Guerra Naval, seus oficiais e praças, por me proporcionarem todo apoio necessário no crescimento profissional e intelectual.

“O valor prático da história consiste em passar o filme do passado por meio do projetor do presente sobre a tela do futuro.”

Basil Henry Liddell Hart, 1954.

## RESUMO

Este trabalho investiga a importância de Taiwan na estratégia de defesa marítima da China no século 21. Com base nas teorias de Geoffrey Till e Ian Speller, o estudo analisa como a China utiliza seu poder marítimo para proteger seus interesses no Mar do Sul da China e no Estreito de Taiwan. Através de uma análise histórica e geopolítica detalhada, demonstra-se como a complexa relação entre China e Taiwan, marcada por colonização, guerras e tensões políticas, molda a estratégia marítima chinesa contemporânea. A transformação econômica e a transição para a democracia fortaleceram a identidade taiwanesa, tornando a ilha um ativo estratégico para a China, que busca sua reunificação. A modernização da Marinha do Exército de Libertação Popular e a construção de instalações militares no Mar do Sul da China refletem a determinação chinesa no controle de rotas marítimas vitais e projetar poder naval na região. Ao aplicar as teorias de Till e Speller, compreende-se a importância do poder marítimo, das operações de combate no mar e das táticas convencionais, como defesa em camadas e capacidades de anti-acesso/negação de área, e não convencionais, como a “Estratégia do Repolho” e as táticas de Zona Cinza, que a China emprega para reforçar suas reivindicações territoriais e proteger seus interesses marítimos. Além disso, destaca-se o ciclo virtuoso marítimo, onde o fortalecimento das capacidades navais e o desenvolvimento econômico, exemplificados pela Iniciativa do Cinturão e Rota, são interdependentes. A posse de Taiwan fortaleceria significativamente a posição da China no Indo-Pacífico e alteraria o equilíbrio de poder na região. Este estudo contribui para uma melhor compreensão das dinâmicas de poder na região do Pacífico, destacando as implicações da estratégia marítima chinesa para a segurança regional e global.

**Palavras-chave:** Anti-Access/Area-Denial. Ciclo virtuoso marítimo. China. Defesa marítima. Estratégia Naval. Mar do Sul da China. Marinha do Exército de Libertação Popular. Poder marítimo. Projeção de poder naval. Taiwan.

## **ABSTRACT**

### **The importance of Taiwan for China's maritime defense strategy in the 21st century: an analysis considering the teachings of Geoffrey Till and Ian Speller**

This study investigates the importance of Taiwan in China's maritime defense strategy in the 21st century. Based on the theories of Geoffrey Till and Ian Speller, the research analyzes how China utilizes its maritime power to protect its interests in the South China Sea and the Taiwan Strait. Through a detailed historical and geopolitical analysis, it demonstrates how the complex relationship between China and Taiwan, marked by colonization, wars, and political tensions, shapes contemporary Chinese maritime strategy. Taiwan's economic transformation and transition to democracy have strengthened its identity, making the island a strategic asset for China, which seeks its reunification. The modernization of the People's Liberation Army Navy and the construction of military installations in the South China Sea reflect China's determination to control vital maritime routes and project naval power in the region. By applying the theories of Till and Speller, one understands the importance of maritime power, sea combat operations, and conventional tactics such as layered defense and Anti-Access/Area Denial capabilities, as well as unconventional tactics like the "Cabbage Strategy" and Gray Zone tactics that China employs to reinforce its territorial claims and protect its maritime interests. Additionally, the maritime virtuous cycle, where naval capabilities and economic development, exemplified by the Belt and Road Initiative, are interdependent, is highlighted. The possession of Taiwan would significantly strengthen China's position in the Indo-Pacific and alter the balance of power in the region. This study contributes to a better understanding of power dynamics in the Pacific region, highlighting the implications of China's maritime strategy for regional and global security.

**Keywords:** Anti-Access/Area Denial. Maritime Virtuous Cycle. China. Maritime Defense. Naval Strategy. South China Sea. People's Liberation Army Navy. Maritime Power. Naval Power Projection. Taiwan.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa da primeira e segunda Cadeia de ilhas no MSC.....	55
FIGURA 2 – Ciclo Virtuoso Marítimo.....	56
FIGURA 3 – Mapa Ilustrativo da Iniciativa do Cinturão e Rota.....	57

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A2/AD	<i>Anti-access/Area denial</i>
ASEAN	<i>Association of Southeast Asian Nations</i>
BRI	<i>Belt and Road Initiative</i>
KMT	<i>Kuomintang</i>
LCM	Linhas de Comunicação Marítimas
MSC	Mar do Sul da China
PCC	Partido Comunista Chinês
PLA	<i>People's Liberation Army</i>
PLAN	<i>People's Liberation Army-Navy</i>
ROC	<i>Republic of China</i>
RPC	República Popular da China
UNCTAD	<i>The United Nations Conference on Trade and Development</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ESTRATÉGIA MARÍTIMA DA CHINA: PERSPECTIVAS DE GEOFFREY TILL E IAN SPELLER</b> .....	<b>14</b>
2.1 GEOFFREY TILL .....	14
2.2 IAN SPELLER .....	16
2.3 CONCLUSÕES PARCIAIS.....	19
<b>3 O CONTEXTO HISTÓRICO E GEOPOLÍTICO DAS RELAÇÕES ENTRE CHINA E TAIWAN</b> .....	<b>21</b>
3.1 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE TAIWAN E SUA RELAÇÃO COM A CHINA ....	21
3.1.1 Historiografia de Taiwan: Uma Análise das Perspectivas Divergentes .....	21
3.1.2 Pré-história e culturas aborígenes até 1100.....	22
3.1.3 O período de 1100-1624 .....	23
3.1.4 Colônia Holandesa, 1624-1662 .....	24
3.1.5 Zheng e a Administração Qing, 1662-1894 .....	25
3.1.5 Colonização Japonesa, 1895-1945 .....	26
3.1.6 Período Pós-colonial .....	26
3.1.7 Guerra Civil Chinesa (1945-1949).....	27
3.1.8 Desenvolvimento sob o KMT (1950-1980) .....	27
3.1.9 Período de Transição Democrática .....	28
3.2 A RELAÇÃO ENTRE TAIWAN, CHINA E ESTADOS UNIDOS E AS IMPLICAÇÕES GEOPOLITICAS .....	30
3.3 CONCLUSÕES PARCIAIS.....	32
<b>4 A ESTRATÉGIA MARÍTIMA DA CHINA</b> .....	<b>33</b>
4.1 A EVOLUÇÃO DA ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA.....	34
4.1.1 Período Inicial e Influências Históricas .....	34
4.1.2 Expansão e Regressão Marítima .....	35
4.1.3 Era Republicana e Influência Comunista.....	36
4.2 OS OBJETIVOS ESTRATÉGICOS DA CHINA NA REGIÃO DO PACÍFICO .....	38
4.3 CONCLUSÕES PARCIAIS.....	39
<b>5 A IMPORTÂNCIA DE TAIWAN PARA A ESTRATÉGIA DE DEFESA MARÍTIMA DA CHINA NO SÉCULO 21</b> .....	<b>41</b>

5.1 HISTÓRICO DAS RELAÇÕES SINO-TAIWANESAS E SUAS IMPLICAÇÕES ESTRATÉGICAS.....	41
5.2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE GEOFFREY TILL CONFRONTADOS COM A REALIDADE CHINESA .....	42
5.3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE IAN SPELLER CONFRONTADOS COM A REALIDADE CHINESA .....	44
5.3 CONCLUSÕES PARCIAIS.....	47
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na era da globalização, a segurança das rotas marítimas tornou-se essencial para a economia global, e a interdependência econômica aumentou a relevância do controle do mar. Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2016), em 2015, aproximadamente 80% do comércio global em volume e 70% em valor foram transportados por via marítima. Esses dados destacam a importância crítica do transporte marítimo para a economia mundial.

Desse volume, 60% do comércio marítimo passa pela Ásia, com o Mar do Sul da China (MSC) transportando cerca de um terço do transporte marítimo global (China Power, 2021). Esse mar, o maior do mundo, compreende uma área de 3,5 milhões de km<sup>2</sup> e é composto por um número considerável de ilhas desabitadas. A geografia desta região, que contém uma extensão semifechada localizada ao sul da China e Taiwan, é limitada a leste pelas Filipinas, a oeste por Taiwan e ao sul por Brunei e Malásia (Feodrippe et al., 2019). Kolling et al. (2023) ratificam a importância deste mar:

Por interligar dois dos mares importantes para a circulação de mercadorias, Índico e Pacífico, e dar acesso aos países do leste asiático, o mar do Sul da China torna-se um ponto estratégico para o fluxo comercial tanto para a China que tem 40% de seu comércio circulando pela região, quanto para os EUA que possui mais de um trilhão de dólares transitando por suas águas. Para além das importações e exportações de mercadorias, uma porcentagem significativa da produção global de gás natural passa pela região, juntamente com a presença de quase um terço do petróleo não refinado em escala global naquela localidade” (Villar, 2017, apud Kolling et al., 2023, p. 3).

Dentro desse contexto, a geopolítica asiática do século 21 é marcada por intensas disputas territoriais e rivalidades estratégicas entre os Estados da ASEAN<sup>1</sup>, China e EUA. Um elemento central nesse cenário é o Estreito de Taiwan, uma via marítima estratégica que separa a ilha de Taiwan da China continental. Conforme Katie Zeng Xiaojun (2022), por este estreito passam aproximadamente metade da frota global de contêineres e 88% dos maiores navios do mundo em tonelagem. Qualquer alteração significativa no status quo, como a militarização de ilhas

---

<sup>1</sup> A ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático) é uma organização regional formada por dez países do Sudeste Asiático, com o objetivo de promover a cooperação econômica, política e cultural entre seus membros. São países membros da ASEAN: Tailândia, Indonésia, Malásia, Filipinas e Cingapura (desde 1967), Brunei (desde 1994), Vietnã (desde 1995), Laos e Myanmar (desde 1997) e Camboja (desde 1999) (Lima, 2021).

artificiais, a imposição de novas reivindicações marítimas ou a interrupção das rotas marítimas, teria consequências de vasta escala. Estados como o Japão, a Coreia do Sul e Taiwan, fortemente dependentes do comércio marítimo e da segurança das rotas marítimas, sofreriam impactos econômicos e estratégicos significativos. A China, por sua vez, veria comprometidos seus ambiciosos planos de expansão econômica e projeção de poder global.

Ciente dessa dinâmica, a China busca fortalecer sua marinha para proteger seus interesses econômicos e estratégicos, destacando ainda mais a importância de Taiwan como ponto crítico nas rotas de comércio marítimo. A região em torno do Estreito de Taiwan faz parte da chamada "primeira cadeia de ilhas", que se estende desde o Japão até o Estreito de Malaca conforme ilustrado na figura 1. Essa cadeia representa tanto uma barreira potencial quanto uma oportunidade estratégica para os Estados envolvidos. Para a China, o controle dessas águas é fundamental não apenas para sua segurança nacional, mas também para evitar intervenções externas e garantir sua estabilidade na região.

Sob a perspectiva da China, Taiwan é considerada parte de seu território, seguindo a política de "uma só China". Sua estratégia marítima de defesa visa reforçar essa reivindicação de soberania e impedir a independência formal de Taiwan. A presença naval dos EUA no Pacífico Ocidental, juntamente com o apoio a Taiwan, é percebida como um desafio pela China, influenciando suas decisões estratégicas na região. Portanto, a análise da estratégia marítima de defesa da China envolvendo Taiwan torna-se um tema de grande relevância e complexidade no contexto geopolítico atual.

Taiwan, devido à sua localização estratégica, recursos e importância geopolítica, desempenha um papel vital nos interesses marítimos chineses. A escolha deste tema se justifica pela crescente influência marítima da China e pela centralidade de Taiwan nas recentes tensões regionais. Compreender a estratégia de defesa marítima da China é fundamental para prever futuros desenvolvimentos geopolíticos e militares na Ásia.

O objetivo desta dissertação é examinar a estratégia de defesa marítima da China em relação a Taiwan, à luz dos ensinamentos de Geoffrey Till e Ian Speller, considerando a evolução da Estratégia Naval até o século 21. Para isso, utilizaremos o método Teoria x Realidade, comparando os conceitos teóricos de Till e Speller com a realidade observada no desenvolvimento e nas ações da marinha

chinesa (PLAN)<sup>2</sup> no MSC. Este método permitirá uma análise aprofundada e crítica das estratégias adotadas pela China, bem como a identificação de possíveis discrepâncias entre a teoria e a prática.

Este trabalho está estruturado em seis seções principais. Após esta introdução, apresentaremos os conceitos teóricos de Ian Speller e Geoffrey Till, que servirão de base para nossa análise. Em seguida, exploraremos o contexto histórico e geopolítico das relações entre China e Taiwan, destacando os eventos-chave que moldaram a dinâmica atual. A quarta seção detalhará a estratégia marítima da China, abordando a evolução da estratégia naval desde seus primórdios até o século 21, incluindo a modernização e as capacidades atuais da PLAN e os objetivos estratégicos da China na região do Pacífico. A quinta seção é dedicada à análise de como Taiwan é importante na estratégia de defesa marítima da China no século 21, examinando os pontos de aderência e as singularidades em relação às teorias apresentadas na seção 2. Finalmente, concluiremos com um resumo dos principais resultados, reflexões sobre o futuro da estratégia marítima da China e sugestões para pesquisas futuras.

---

<sup>2</sup> Neste trabalho será adotado a sigla do inglês *People's Liberation Army Navy* para a Marinha do Exército de Libertação Popular.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ESTRATÉGIA MARÍTIMA DA CHINA: PERSPECTIVAS DE GEOFFREY TILL E IAN SPELLER

A importância estratégica de Taiwan na estratégia marítima de defesa da China no século 21, conforme apresentado na introdução, ressalta a relevância crítica das rotas marítimas e a interdependência econômica global. Para compreender a complexidade dessas questões, é essencial basear a discussão nas teorias dos estrategistas contemporâneos Geoffrey Till e Ian Speller. Este capítulo, portanto, fornecerá o arcabouço teórico necessário para uma análise aprofundada, utilizando as contribuições destes dois autores para iluminar as motivações e ações da China em sua busca por controle e influência no MSC e no estreito de Taiwan.

### 2.1 GEOFFREY TILL

As questões marítimas atuais não podem ser compreendidas de forma isolada, mas sim como parte de um sistema interconectado de interesses e desafios globais. Conforme explicado por Geoffrey Till (2018), a globalização é um fenômeno que impacta diretamente as estratégias navais e a segurança marítima dos Estados, destacando a importância das rotas marítimas seguras para o comércio internacional e a interdependência econômica entre as nações. A intensificação do comércio global ressalta a necessidade de uma abordagem cooperativa na gestão dos desafios marítimos transnacionais, como a pirataria e o tráfico de drogas, evidenciando a complexidade e a interligação dos interesses globais no ambiente marítimo contemporâneo. Embora a cooperação seja necessária, o ambiente marítimo também tem sido caracterizado por competição e rivalidade, conforme descrito por Till: “Na verdade, o ambiente marítimo tem se caracterizado, nos últimos séculos, pela existência de um contencioso latente entre os participantes do sistema, tendo como coadjuvantes principais as marinhas de guerra” (Till, 2005, p. 12)<sup>3</sup>.

Entender o conceito de poder marítimo é fundamental para compreender a importância estratégica dos mares e oceanos nas relações internacionais contemporâneas. Till (2005) define o Poder Marítimo como a capacidade de um

---

<sup>3</sup> Palestra realizada em 25 de novembro de 2005 durante o I Ciclo Internacional de Conferências sobre o Poder Marítimo na Escola de Guerra Naval pelo Professor Geoffrey Till que é catedrático de Estudos Acadêmicos do *Joint Services Command and Staff College, UK* (Till, 2005).

Estado influenciar o comportamento de outras nações por meio de suas ações no mar ou a partir dele. Essa influência se manifesta através do controle dos mares para assegurar a defesa, ataque ao comércio marítimo, projeção de poder sobre terra e a manutenção da harmonia e ordem no sistema marítimo internacional (Till, 2005). O poder marítimo também está intrinsecamente ligado à capacidade de uma nação proteger seus interesses, garantir a segurança marítima e contribuir para a estabilidade global ou regional por intermédio de suas forças navais.

Nesse contexto, a importância do poder marítimo reside na sua capacidade de proporcionar segurança, influência e projeção de poder para um Estado, especialmente em um cenário globalizado e interconectado. A habilidade de controlar os mares não apenas garante a defesa e proteção do comércio, mas também permite que uma nação exerça sua influência estratégica e mantenha a ordem no ambiente marítimo internacional. Assim, o poder marítimo contribui para a definição das políticas de segurança e defesa de um Estado, bem como para a promoção de seus interesses econômicos e estratégicos em um contexto cada vez mais complexo e dinâmico (Till, 2005).

Outro conceito apresentado por Geoffrey Till (2023) é o ciclo virtuoso marítimo, descrito da seguinte forma:

O comércio necessita e viabiliza os recursos marítimos que ajudam a desenvolver as marinhas. As marinhas proporcionam a condição em que o comércio pode florescer, facilitando assim um comércio mais vantajoso – e assim o ciclo continua – pelo menos até ser interrompido de fora (Till, 2023, p.20, tradução nossa)<sup>4</sup>.

O ciclo virtuoso marítimo conecta o comércio marítimo, o desenvolvimento da infraestrutura portuária e as indústrias relacionadas ao mar, essenciais para o crescimento econômico e o poder marítimo de uma nação. A exploração de recursos marítimos como pesca, petróleo e gás, junto ao comércio internacional por rotas marítimas, gera um ciclo contínuo de prosperidade e segurança (Till, 2023), conforme ilustrado na figura 2.

Este ciclo é impulsionado por uma esquadra sólida que protege o comércio e a segurança dos mares, permitindo o florescimento das atividades marítimas e o desenvolvimento econômico sustentável. Till (2023) destaca a importância da

---

<sup>4</sup> No original: "Trade needs and makes possible the maritime resources that help develop navies. Navies provide the condition in which trade can flourish thereby facilitating more advantageous trade – and so the circle continues – at least until interrupted from outside".

cooperação internacional e das relações comerciais para sustentar o crescimento das economias baseadas no mar. A interdependência entre o comércio marítimo, a força naval e a exploração de recursos, cria um ambiente propício para o desenvolvimento de potências marítimas. Fortalecer laços comerciais, proteger interesses marítimos e investir em infraestrutura portuária permitem colher os benefícios de um ciclo virtuoso marítimo, promovendo prosperidade econômica e segurança nacional.

Um exemplo disso, abordado por Till (2023), é a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) da China. Um projeto ambicioso que visa investir em infraestrutura em vastas regiões, incluindo Eurásia, África e América Central e do Sul conforme ilustrado na figura 3. A BRI é vista como um modelo de crescimento global, beneficiando a China e as nações envolvidas. No entanto, Estados como EUA, Índia e Japão expressam preocupações sobre a influência política e econômica da China, como por exemplo o favorecimento dos interesses de empresas de navegação e tecnologia chinesas.

A BRI evoca antigas rotas da seda, ressaltando a importância histórica do comércio para a prosperidade e cooperação internacional. Através da expansão da infraestrutura de transporte e promoção do comércio internacional, a China busca elevar os padrões de vida globalmente, refletindo a crença no desenvolvimento econômico e cooperação global como fundamentos para o progresso e estabilidade mundial (Till, 2023).

## 2.2 IAN SPELLER

A Estratégia Marítima é definida como um conjunto de princípios que governam uma guerra em que o mar é um fator substancial (Speller, 2024). Nessa perspectiva, a ênfase recai no impacto da atividade marítima em terra. Ian Speller (2024) destaca que a estratégia marítima não se limita apenas à guerra naval, mas inclui a guerra, a paz e as etapas intermediárias. Ele afirma: “A guerra naval é um subconjunto da estratégia marítima, que por sua vez é um subconjunto da estratégia nacional e só pode ser verdadeiramente compreendida dentro deste contexto” (Speller, 2024, p.7)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> No original: “Naval warfare is thus a sub-set of maritime strategy which is itself a sub-set of national strategy and it can only truly be understood within this context”.

O Poder Naval, conforme abordado por Ian Speller, é definido como a expressão do poder de um Estado projetado por meio de suas forças navais (Speller, 2024). Essa manifestação de poder no ambiente marítimo reflete a capacidade da nação de influenciar eventos e atingir seus objetivos por meio do uso estratégico de suas forças navais. Essa projeção de poder no mar desempenha um papel fundamental na defesa dos interesses nacionais, na dissuasão de potenciais adversários e na promoção da segurança marítima, destacando a importância do Poder Naval como componente essencial da estratégia de um Estado.

De acordo com Speller (2024), as operações de combate no mar são definidas como as atividades realizadas pelas marinhas para estabelecer ou contestar o controle do espaço marítimo. Essas operações envolvem o emprego de uma variedade de capacidades e técnicas, como navios de guerra, aeronaves de combate, sistemas de mísseis antinavio e defesas costeiras, com o propósito de garantir a liberdade de movimento e ação das próprias forças navais, ao mesmo tempo em que buscam negar essa liberdade às forças inimigas.

Dentro deste contexto, de acordo com Speller (2024), o controle do espaço marítimo pode ser afetado por fatores geográficos e ações inimigas, sendo necessário considerar a interação entre a geografia marítima e as operações navais. A capacidade de garantir as linhas de comunicação marítimas (LCM) sem obstrução pelo inimigo é essencial para o sucesso das operações navais e para a segurança dos interesses marítimos de uma nação.

Estas operações de combate no mar também abrangem a defesa do transporte marítimo civil, a implementação de bloqueios e embargos, bem como a condução de operações a partir do mar, como operações anfíbias e expedicionárias. Ao explorar estratégias como o controle marítimo e as capacidades antiacesso e negação de área (A2/AD), as marinhas buscam adaptar-se aos desafios contemporâneos e garantir a estabilidade em um ambiente marítimo cada vez mais contestado. Portanto, as operações de combate no mar desempenham um papel fundamental na projeção de poder, na defesa dos interesses nacionais e na manutenção da segurança marítima global (Speller, 2024).

Conforme argumenta Speller (2024), estas capacidades A2/AD representam estratégias e técnicas utilizadas pelas marinhas para contestar o controle do mar por adversários potenciais e têm o propósito de dificultar ou impedir que forças inimigas acessem determinadas áreas marítimas e negar-lhes a liberdade de ação nesses

locais. Para alcançar tais objetivos, as capacidades de A2/AD fazem uso de uma variedade de recursos e sistemas, que incluem mísseis antinavio, defesas costeiras e minas marítimas.

Essas tecnologias são projetadas para dissuadir ou repelir ameaças navais, sendo fundamentais para a proteção de áreas estratégicas como bases navais e rotas de navegação cruciais. Segundo Speller (2024), as capacidades de A2/AD contribuem significativamente para a defesa dos interesses marítimos de um Estado e para a manutenção da segurança no ambiente marítimo, ressaltando sua importância na estratégia de defesa nacional.

O conceito de defesa em camadas, abordado por Speller (2024), representa uma estratégia fundamental na proteção de ativos estratégicos e áreas de interesse naval. Essa abordagem consiste na implementação de múltiplas linhas de defesa em diferentes níveis, visando criar uma rede de proteção complexa e integrada. Por meio da combinação de sistemas de defesa de curto, médio e longo alcance, como mísseis antiaéreos, sistemas de defesa de ponto e aeronaves de patrulha marítima, a defesa em camadas busca aumentar a resiliência e eficácia do sistema de defesa naval, garantindo a proteção contra diversas ameaças, como mísseis, aeronaves e submarinos inimigos.

Ao integrar diferentes sistemas de defesa em uma abordagem estratégica abrangente, a defesa em camadas permite uma proteção mais eficaz e completa, garantindo a defesa dos interesses navais e a manutenção da soberania em ambientes marítimos desafiadores. Dessa forma, a estratégia de defesa em camadas se destaca como um pilar fundamental na segurança e na prontidão operacional das forças navais em face de ameaças cada vez mais diversificadas e sofisticadas (Speller, 2024).

O conceito de zona cinzenta, conforme descrita por Speller (2024), refere-se a uma área de atividade estratégica que se situa abaixo do uso direto da força militar, onde táticas como a 'estratégia do repolho' explicada mais adiante, são empregadas. Nesse contexto, a zona cinzenta representa um espaço de ação que busca alcançar objetivos estratégicos sem recorrer explicitamente à força armada, mas que ainda assim possui repercussões significativas em termos de segurança e influência. Essa abordagem destaca a complexidade das operações navais contemporâneas, onde estratégias não convencionais desempenham um papel importante na competição e na projeção de poder marítimo.

A “estratégia do Repolho” conforme descrita por Speller (2024), é uma tática empregada pelas forças chinesas no MSC, onde ilhas disputadas são cercadas por múltiplas camadas de embarcações, incluindo barcos de pesca, milícias marítimas, navios de vigilância, embarcações da guarda costeira e navios de guerra. Essa abordagem visa criar uma presença maciça e contínua ao redor das ilhas, dificultando a entrada de forças adversárias e reforçando a reivindicação chinesa sobre essas áreas contestadas.

Ao utilizar uma combinação de ativos civis e militares, “a estratégia do repolho” busca estabelecer uma presença constante e dissuasiva, sem recorrer diretamente ao emprego de força militar convencional. Essa tática exemplifica a complexidade das operações navais modernas, onde a utilização de recursos não tradicionais desempenha um papel importante na competição por influência e controle em regiões estratégicas.

## 2.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Os conceitos discutidos neste capítulo são essenciais para entender a estratégia marítima de defesa da China e seu objetivo de se tornar uma potência marítima global. As teorias de Geoffrey Till e Ian Speller fornecem uma base teórica robusta para analisar as motivações e ações da China no MSC e no estreito de Taiwan. A interdependência econômica global, a importância das rotas marítimas seguras, o poder marítimo, o poder naval, o ciclo virtuoso marítimo, as operações de combate no mar, as estratégias de A2/AD, a defesa em camadas e a zona cinzenta são elementos centrais que ajudam a compreender a complexidade da estratégia naval chinesa.

Geoffrey Till destaca que o poder marítimo é fundamental para a defesa, proteção do comércio e projeção de influência estratégica. A interdependência das rotas marítimas globais e a necessidade de segurança nas vias comerciais reforçam a importância de uma abordagem cooperativa na gestão dos desafios marítimos transnacionais. O conceito de ciclo virtuoso marítimo, que relaciona o desenvolvimento econômico ao fortalecimento das capacidades navais, é um componente crítico na análise da estratégia marítima da China. Este conceito é especialmente relevante no contexto da BRI, que busca expandir a infraestrutura e a

conectividade global, posicionando a China como um eixo central no comércio marítimo internacional conforme ilustrado pela figura 3.

Ian Speller complementa essa análise ao enfatizar a importância do controle do espaço marítimo e das operações de combate no mar. As capacidades de A2/AD são elementos-chave nas estratégias navais contemporâneas, permitindo que um Estado proteja suas águas territoriais e zonas de interesse estratégico contra possíveis ameaças. O conceito de defesa em camadas, que envolve a implementação de múltiplas linhas de defesa para proteger ativos estratégicos, é particularmente relevante para a estratégia de defesa marítima da China.

O conceito de zona cinzenta, que envolve táticas de ação abaixo do limiar do conflito armado convencional, destaca a complexidade das operações navais modernas. A “estratégia do repolho”, que utiliza múltiplas camadas de presença civil e militar para reforçar reivindicações territoriais, exemplifica como as abordagens não convencionais são integradas na estratégia naval da China.

Assim, os fundamentos teóricos apresentados por Till e Speller fornecem uma compreensão abrangente das motivações e estratégias navais da China. A análise desses conceitos será essencial para entender como a China busca consolidar seu status como uma potência marítima global, protegendo suas rotas comerciais vitais e projetando poder no cenário internacional. O controle e a projeção no Mar da China Oriental e no MSC são objetivos primários, com Taiwan desempenhando um papel de suma importância devido à sua localização estratégica.

No próximo capítulo, exploraremos o contexto histórico das relações entre China e Taiwan para incluir o fator histórico na análise da dinâmica atual entre as duas partes. Esta perspectiva histórica é importante para entender as raízes dos conflitos e as motivações estratégicas de ambos os lados.

### **3 O CONTEXTO HISTÓRICO E GEOPOLÍTICO DAS RELAÇÕES ENTRE CHINA E TAIWAN**

A relação entre China e Taiwan é uma das mais complexas e dinâmicas da geopolítica moderna. Este capítulo está dividido em duas seções. A primeira seção explora o desenvolvimento histórico e as tensões políticas que moldaram as interações entre a China continental e Taiwan, desde os primeiros assentamentos até o século 21. A segunda seção faz uma breve análise das implicações geopolíticas da relação entre China, Taiwan e Estados Unidos, incluindo as crises contemporâneas no Estreito de Taiwan. A compreensão desse contexto é essencial para analisar a atual estratégia de defesa marítima da China e as implicações geopolíticas no Leste Asiático.

#### **3.1 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE TAIWAN E SUA RELAÇÃO COM A CHINA**

A relação histórica entre a China e Taiwan é marcada por colonização, guerra e tensões políticas. Desde a antiguidade até o período contemporâneo, a história interligada de Taiwan e da China continental moldou a identidade e a política de ambas as regiões. Este subcapítulo aborda os principais eventos e transformações dessa relação, da pré-história ao início do século 21, fornecendo uma base para entender a importância estratégica de Taiwan na política nacional da China.

##### **3.1.1 Historiografia de Taiwan: Uma Análise das Perspectivas Divergentes**

A historiografia de Taiwan é marcada por diferentes interpretações que refletem as perspectivas políticas e culturais de diversos grupos de historiadores. De acordo com Xiaobing Li (2019), historiadores da China continental frequentemente consideram Taiwan como uma província da China, sustentando essa visão com a narrativa oficial do PCC. Essa narrativa enfatiza a unidade e a soberania da China, minimizando a identidade nacional taiwanesa. A história das interações entre a China e Taiwan, que remonta a séculos, é frequentemente utilizada para justificar essa perspectiva, especialmente após a Guerra Civil Chinesa e a fundação da República Popular da China (RPC) em 1949.

Em contrapartida, a historiografia taiwanesa apresenta uma narrativa nacional distinta. Historiadores de Taiwan argumentam que a ilha possui uma identidade cultural e política própria, desenvolvida ao longo do tempo, especialmente durante a colonização japonesa e o governo do *Kuomintang* (KMT)<sup>6</sup>. Essa perspectiva é evidenciada na obra de Li (2019), que destaca a luta pela autodeterminação e o desejo de reconhecimento internacional como elementos centrais na construção da identidade taiwanesa. Os historiadores taiwaneses também enfatizam a diversidade cultural da ilha, incluindo a experiência dos aborígenes, que moldaram a sociedade contemporânea.

A historiografia americana, por sua vez, foca nas relações entre Taiwan e os Estados Unidos, especialmente no contexto da Guerra Fria. Historiadores americanos analisam como a política externa dos EUA influenciou o desenvolvimento político e econômico de Taiwan, além das dinâmicas de segurança na região do Pacífico. Li (2019) observa que essa abordagem muitas vezes coloca Taiwan em um papel de "peão" nas relações de poder entre os EUA e a China, ressaltando a importância estratégica da ilha para os interesses americanos na Ásia.

As mudanças políticas em Taiwan, especialmente a transição para a democracia nos anos 1990, também influenciaram a historiografia. A liberdade acadêmica permitiu uma maior diversidade de opiniões e uma reavaliação crítica do passado, incluindo a era do KMT e a repressão política. Li (2019) argumenta que a historiografia contemporânea em Taiwan não apenas busca entender o passado, mas também reflete sobre as implicações desse passado para o futuro da ilha, especialmente em relação à sua identidade nacional e às suas relações com a China.

### 3.1.2 Pré-história e culturas aborígenes até 1100

A história de Taiwan, desde a pré-história até 1100, é marcada por diversidade cultural e migrações significativas. Os primeiros habitantes, associados à

---

<sup>6</sup> O *Kuomintang*, também conhecido como o "Partido Nacionalista Chinês", foi fundado por Sun Yat-sen em agosto de 1912, após a Revolução Xinhai, que derrubou a Dinastia Qing e estabeleceu a República da China (ROC). O KMT desempenhou um papel central na política chinesa durante o século XX, especialmente sob a liderança de Chiang Kai-shek, que se tornou o líder do partido e presidente da ROC em 1927 (Li, 2019).

cultura Changpin, chegaram há cerca de 20.000 a 30.000 anos, evidenciado por restos humanos e ferramentas de pedra nas ilhas Penghu (Li, 2019).

Com a cultura Dapenkeng, entre 5.000 e 2.500 anos atrás, Taiwan passou a cultivar arroz e milho, marcando uma transição significativa para a agricultura (Li, 2019). Esses primeiros agricultores desenvolveram uma cultura diversificada, baseada em horticultura, caça, coleta e pesca, produzindo ferramentas de pedra sofisticadas e cerâmica (Davison, 2003).

Segundo Li (2023), a cultura “Shengwen Hongtao”<sup>7</sup> indica que Taiwan entrou na Idade Neolítica com agricultura aprimorada, ferramentas avançadas e comunidades estabelecidas. Esta evolução cultural foi acompanhada por interações com povos do continente asiático e das ilhas do Pacífico, que influenciaram as práticas locais.

A posição estratégica de Taiwan no Pacífico a tornou um ponto de encontro para migrações e trocas culturais. Embora a ilha tenha permanecido isolada até o século XVII, interações com potências externas começaram a moldar sua história. A primeira menção de Taiwan em registros históricos chineses remonta à dinastia Shang<sup>8</sup>, onde a ilha é referida como "Daoyi" (Li, 2019).

### 3.1.3 O período de 1100-1624

No período de 1100 a 1624, Taiwan passou por significativas transformações sociais, culturais e políticas. Conforme Davison (2003) durante essa época, a ilha começou a experimentar um aumento nas interações com o exterior, especialmente com comerciantes e exploradores da China e de outras regiões do Sudeste Asiático. Segundo Li (2019), os imigrantes, principalmente da província de Fujian, trouxeram suas culturas e práticas agrícolas, estabelecendo relações comerciais com os nativos.

No entanto, essa convivência não foi isenta de conflitos, uma vez que a competição por terras e recursos gerou tensões sociais, resultando em uma rica troca cultural que contribuiu para a formação da identidade taiwanesa (Li, 2023).

---

<sup>7</sup> Shengwen Hongtao refere-se a uma cultura de cerâmica que surgiu em Taiwan durante a Idade Neolítica, aproximadamente entre 2500 e 1500 a.C. (Li, 2019).

<sup>8</sup> A dinastia Shang (cerca de 1766–1027 a.C.) foi uma das primeiras dinastias da China, conhecida por ter um governo central forte, avanços militares e o início da escrita chinesa (Li, 2019).

Essas interações moldaram a dinâmica social e econômica da ilha, à medida que os aborígenes se envolviam em atividades comerciais e trocas culturais, ampliando suas redes de contato e influências externas.

Além das interações entre grupos étnicos, Li (2019) destaca a presença de piratas que atuavam na região, complicando ainda mais a dinâmica social e econômica. A pirataria se tornou uma preocupação para as potências marítimas, levando o governo Ming a enviar forças navais para combater essas atividades, especialmente durante o reinado do imperador Jiajing (1521-1567).

#### 3.1.4 Colônia Holandesa, 1624-1662

O período de 1624 a 1662 em Taiwan, conhecido como a Colônia Holandesa, foi marcado pela presença da Companhia Holandesa das Índias Orientais, que estabeleceu um controle significativo sobre a ilha (Li, 2019). Os holandeses estabeleceram-se em Taiwan após compreenderem o potencial econômico da ilha, destacando suas condições favoráveis para a agricultura e crescimento econômico (Davison, 2003).

Os holandeses fundaram um posto comercial e uma base militar em Anping, no sul de Taiwan, utilizando a ilha como um ponto estratégico para o comércio na região do Extremo Oriente. Durante esse tempo, a Companhia buscou expandir suas operações comerciais, principalmente através da coleta de tarifas de embarcações que passavam pela ilha, e estabeleceu relações comerciais com os imigrantes chineses e os aborígenes locais (Li, 2019).

Para explorar o potencial da ilha, o governo colonial holandês enviou 600 funcionários e 2 mil soldados para Taiwan, construindo fortificações como os fortes de Zeelandia e Provintia. A expansão territorial holandesa no sul de Taiwan envolveu a utilização de mão de obra chinesa na agricultura, o que resultou em conflitos com os povos aborígenes locais, especialmente durante a Grande Resistência de Matou em 1635. A presença holandesa em Taiwan foi marcada por uma combinação de atividades agrícolas, mercantis e piratas, com os aborígenes ainda predominando numericamente na população até meados do século XVII (Davison, 2003).

No entanto, a presença holandesa em Taiwan enfrentou resistência, especialmente de líderes locais e de forças externas. Em 1662, a colônia holandesa foi conquistada por Koxinga, um líder militar chinês que buscava estabelecer um governo próprio na ilha. A derrota dos holandeses marcou o fim de sua administração em Taiwan e o início de uma nova era sob o domínio de Koxinga, que buscou consolidar seu poder e promover a imigração chinesa para a ilha (Li, 2019).

### 3.1.5 Zheng e a Administração Qing, 1662-1894

De 1662 a 1894, Taiwan foi controlada por Zheng Chenggong (Koxinga) e posteriormente pela dinastia Qing. Após expulsar os holandeses em 1662, Zheng estabeleceu um governo em Taiwan, promovendo a imigração de chineses de Fujian e incentivando o desenvolvimento agrícola e comercial. Com sua morte, seu filho Zheng Jing assumiu o controle, mas a resistência à dinastia Qing enfraqueceu. Em 1683, a frota Qing derrotou as forças de Zheng, incorporando Taiwan ao império.

A administração Qing implementou reformas para integrar Taiwan ao sistema imperial, estabelecendo um escritório administrativo em Taipei e promovendo a colonização e o desenvolvimento econômico. Durante esse período, a imigração chinesa aumentou significativamente a população e introduziu novas culturas e práticas agrícolas (Li, 2019).

Davison (2003) relata que a dinastia Qing enfrentou desafios na governança de Taiwan, considerada uma região periférica do império chinês. As autoridades tentaram controlar a imigração Han e evitar conflitos com os aborígenes por meio de políticas de ocupação de terras, mas muitas vezes falharam. Colonos Han ignoravam as restrições e se estabeleciam em terras aborígenes, resultando em frequentes confrontos e rebeliões, exigindo ajustes administrativos significativos pelo governo Qing (Davison, 2003).

O período de controle Qing também foi marcado pela abertura de Taiwan ao comércio europeu, especialmente após a assinatura do Tratado de Tianjin em 1858, que permitiu o comércio em portos como Taipei e Anping. Essa era de controle Qing durou até a derrota da dinastia na Guerra Sino-Japonesa, que resultou na cessão de Taiwan ao Japão em 1895 (Li, 2019).

### 3.1.5 Colonização Japonesa, 1895-1945

Durante este período, o Japão implementou uma administração colonial rigorosa em Taiwan, focando na modernização da infraestrutura e da economia. O governo japonês investiu em ferrovias, estradas e sistemas de irrigação, além de promover a industrialização e a agricultura comercial, especialmente no cultivo de arroz e açúcar (Li, 2019).

A colonização japonesa também buscou assimilar culturalmente os taiwaneses, promovendo a língua japonesa, a educação em escolas japonesas e a imposição de costumes japoneses. A imigração japonesa foi incentivada, criando uma classe de colonos na ilha. Apesar das melhorias na infraestrutura e economia, a população local enfrentou discriminação e repressão, especialmente durante revoltas contra o domínio japonês (Li, 2019).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Taiwan foi mobilizada para apoiar o esforço de guerra japonês, com muitos taiwaneses servindo nas forças armadas japonesas. O governo intensificou a exploração dos recursos naturais e a produção agrícola para sustentar a guerra. Após a rendição do Japão em 1945, Taiwan foi colocada sob a administração da ROC, liderada por Chiang Kai-shek, encerrando 50 anos de domínio japonês. Este período deixou um legado duradouro na sociedade taiwanesa, influenciando aspectos culturais, econômicos e sociais ainda visíveis na Taiwan contemporânea (Li, 2019).

### 3.1.6 Período Pós-colonial

De acordo com Li (2019), inicialmente, a população taiwanesa recebeu a administração da ROC com esperança, acreditando que a nova governança traria melhorias em relação ao período japonês. No entanto, a realidade foi diferente. O governo da ROC enfrentou dificuldades em administrar a ilha, devido à falta de familiaridade com a cultura local e à resistência de alguns segmentos da população. A transição para o governo nacionalista foi marcada por tensões e conflitos, culminando no Incidente 228 em 1947, uma repressão violenta que resultou na morte de milhares de taiwaneses (Kissinger, 2013).

Davison (2003) relata que, durante os anos sob administração chinesa, a população de Taiwan enfrentou desafios significativos. Muitos habitantes buscaram autodeterminação e preservação de sua identidade cultural. A maioria dos taiwaneses não desejava a reunificação com o continente, mas sim a governança própria e a manutenção de sua identidade cultural dentro do contexto chinês.

### 3.1.7 Guerra Civil Chinesa (1945-1949)

Após a Segunda Guerra Mundial, a China foi palco de um conflito violento entre o Partido Nacionalista do KMT, liderado por Chiang Kai-shek, e o PCC, liderado por Mao Zedong. Este conflito, uma continuação da luta pelo poder iniciada na década de 1920, foi intensificado por diferenças ideológicas, disputas pelo controle territorial e apoio internacional. De acordo com Kissinger (2013), a guerra civil chinesa foi uma continuação do conflito de longa data entre nacionalistas e comunistas, exacerbada pela instabilidade política e social do pós-guerra.

As hostilidades foram retomadas em 1946 após uma tentativa fracassada de formar um governo de coalizão entre o KMT e o PCC. As estratégias de guerrilha empregadas pelos comunistas, seguidas por campanhas militares convencionais, levaram a uma série de vitórias decisivas para o PCC em Manchúria e no norte da China entre 1948 e 1949. Kissinger (2013) descreve que a mudança de maré em favor dos comunistas foi marcada por sua capacidade de mobilizar apoio popular e utilizar táticas de guerrilha eficazes. A derrota do KMT levou à fuga de milhões de nacionalistas para Taiwan, onde o governo da ROC continuou a reivindicar ser o legítimo governo da China (Li, 2019).

### 3.1.8 Desenvolvimento sob o KMT (1950-1980)

Após a retirada para Taiwan em 1949, o KMT estabeleceu um regime autoritário na ilha, governando sob lei marcial que durou até 1987. Durante este período, houve uma repressão política significativa, com o governo suprimindo a dissidência e controlando rigidamente a vida pública. No entanto, paralelamente à repressão política, houve um foco intenso no desenvolvimento econômico e na modernização de Taiwan (Kissinger, 2013).

O governo do KMT implementou políticas que transformaram a economia de Taiwan de agrária para industrial. Esse processo, frequentemente referido como o "milagre econômico", foi impulsionado por investimentos maciços em educação, infraestrutura e tecnologia. Taiwan experimentou um rápido crescimento econômico, transformando-se de uma economia agrária para uma potência industrial (Moura, 2021).

Além disso, o investimento em educação criou uma força de trabalho qualificada que foi crucial para sustentar o crescimento econômico. Rafael Moura (2021) observa que os investimentos em educação, infraestrutura e tecnologia impulsionaram a transformação econômica de Taiwan. Esta combinação de políticas levou Taiwan a se tornar uma das economias mais dinâmicas da Ásia, criando uma base sólida para seu desenvolvimento futuro.

### 3.1.9 Período de Transição Democrática

A partir da década de 1980, conforme relatado por Kissinger (2021), Taiwan passou por uma significativa transformação política, marcada pela transição para a democracia. O regime autoritário do KMT gradualmente deu lugar a um sistema mais aberto e democrático. Em 1987, a lei marcial, em vigor desde 1949, foi suspensa, permitindo a formação de novos partidos políticos e a realização de eleições livres e justas. Este período de liberalização política foi crucial para o desenvolvimento da sociedade taiwanesa, promovendo maior participação cidadã e direitos civis (Moura, 2021). Kissinger (2013) destaca que a transição democrática de Taiwan representou um avanço significativo na construção de uma sociedade mais aberta e participativa.

Mesmo após a transição democrática, Taiwan continuou a experimentar um forte crescimento econômico, destacando-se nos setores de tecnologia e manufatura de alta tecnologia. Empresas taiwanesas tornaram-se líderes mundiais na produção de componentes eletrônicos, semicondutores e produtos de informática. Esse desenvolvimento foi sustentado por políticas que incentivaram a inovação, a educação e o investimento estrangeiro. Segundo Kissinger (2013), Taiwan manteve sua trajetória de crescimento econômico, destacando-se como um centro global de tecnologia e inovação.

As relações entre Taiwan e a China continental permaneceram complexas e, por vezes, tensas. Apesar das diferenças políticas, houve períodos de cooperação econômica, com investimentos e comércio florescendo entre os dois lados do Estreito de Taiwan. No entanto, a questão da soberania de Taiwan continuou a ser um ponto de discórdia. Kissinger (2013) observa que a interação entre Taiwan e a China foi caracterizada por uma mistura de cooperação econômica e rivalidade política, refletindo a complexidade das suas relações.

Taiwan também trabalhou para aumentar sua presença e influência no cenário internacional, apesar de enfrentar desafios diplomáticos devido à pressão da China. A ilha buscou reforçar suas relações com outros Estados, especialmente através de laços comerciais e culturais. Além disso, Taiwan participou ativamente de organizações internacionais, mesmo que de maneira não oficial, promovendo sua imagem como uma democracia vibrante e uma economia avançada. Segundo Kissinger (2013), esses esforços refletem a busca de Taiwan por uma maior integração na comunidade internacional, evidenciando sua importância como um ator global.

A China continental, sob o regime do PCC, considera Taiwan uma província rebelde que deve ser reunificada com o continente. Essa reivindicação é sustentada por uma narrativa histórica que remonta à guerra civil chinesa e à fundação da República Popular da China em 1949, quando o governo do KMT se retirou para Taiwan. De acordo com Li (2021), a insistência de Pequim na reunificação é uma questão de soberania nacional e integridade territorial, vista como um pilar fundamental da legitimidade do governo comunista.

Por outro lado, em resposta à pressão da China, Taiwan tem buscado afirmar sua identidade nacional e autonomia. Conforme destacado por Li (2021), a sociedade taiwanesa, especialmente as novas gerações, tem se distanciado da narrativa de "uma China" e promovido uma identidade taiwanesa distinta. Isso se reflete em movimentos políticos que defendem a independência formal e a rejeição da unificação sob os termos de Pequim. A busca por uma identidade própria complica ainda mais as relações entre os dois lados, criando um cenário geopolítico complexo que influencia as relações bilaterais e a dinâmica política na região.

### 3.2 A RELAÇÃO ENTRE TAIWAN, CHINA E ESTADOS UNIDOS E AS IMPLICAÇÕES GEOPOLÍTICAS

A relação entre Taiwan, China e Estados Unidos é marcada por uma complexidade histórica que remonta à Guerra Civil Chinesa. Desde a separação entre o governo nacionalista de Chiang Kai-shek, em Taiwan, e o governo comunista de Mao Zedong, na China continental, a questão de Taiwan tem sido um ponto sensível nas relações entre essas partes. Segundo Gustavo Henrique Feddersen (2016), as tensões históricas entre Taiwan e China têm raízes profundas que influenciam as relações atuais.

As disputas em torno da soberania de Taiwan têm levado a crises no Estreito de Taiwan, como evidenciado pelos confrontos militares durante a década de 1950. Em agosto de 1954, a primeira crise ocorreu quando Jiang Jieshi enviou tropas para as ilhas de Jinmen e Mazu, provocando uma resposta da China, que afirmou a necessidade de "libertar" Taiwan. Os Estados Unidos intervieram, enviando a Sétima Esquadra para o Estreito, demonstrando apoio ao governo nacionalista e buscando conter a expansão comunista (Feddersen, 2016).

A segunda crise do Estreito de Taiwan, em 1958, foi marcada por uma campanha de bombardeios da China continental contra as Ilhas Quemoy e Matsu (Kissinger, 2013). Conforme cita Feddersen (2016), os Estados Unidos mais uma vez intervieram em apoio a Taiwan, chegando a ameaçar o uso de armas nucleares contra o território chinês.

Os Estados Unidos desempenham um papel crucial nesse cenário, inicialmente apoiando o governo nacionalista em Taiwan e reconhecendo-o como o governo legítimo da China. No entanto, com o passar do tempo, a diplomacia triangular de Richard Milhous Nixon<sup>9</sup> alterou essa dinâmica, aproveitando as divergências sino-soviéticas para se aproximar da China e, conseqüentemente, enfraquecendo o apoio a Taiwan. Essa mudança na estratégia dos EUA teve impactos significativos nas relações trilaterais entre Taiwan, China e os Estados

---

9 A diplomacia triangular de Nixon foi uma estratégia diplomática adotada pelos Estados Unidos na década de 1970, que visava aproveitar as divergências entre a União Soviética e a República Popular da China para fortalecer os laços com esta última. Essa abordagem tinha como objetivo principal equilibrar a influência soviética sobre a Eurásia, ao mesmo tempo em que enfraquecia o apoio dos EUA ao governo nacionalista em Taiwan. Através da diplomacia triangular, os Estados Unidos buscaram se aproximar da China comunista, rompendo com a política de isolamento que havia sido adotada anteriormente em relação ao país (Feddersen, 2016).

Unidos. Conforme Feddersen (2016), a diplomacia de Nixon desempenhou um papel fundamental na reconfiguração das relações entre os três atores.

A terceira crise do Estreito de Taiwan, ocorrida entre 1995 e 1996, teve início com exercícios militares da China próximo a Taiwan, em resposta à visita do presidente taiwanês Lee Teng-Hui aos Estados Unidos. Essa situação levou os EUA a enviar dois grupos de batalha de porta-aviões para a região, demonstrando seu apoio a Taiwan e sua presença militar (Cole, 2013). Essa crise evidenciou a sensibilidade das relações entre China, Taiwan e Estados Unidos, assim como a importância estratégica do Estreito de Taiwan.

Em todas as três crises do Estreito de Taiwan, a questão da soberania e segurança foi central, com a China buscando afirmar sua autoridade sobre Taiwan e os EUA defendendo seus interesses na região. Conforme o Livro Branco de Defesa da China de 2019, a presença militar dos Estados Unidos em Taiwan e o apoio a essa ilha são vistos pela China como formas de contenção, contribuindo para um ambiente de crescente competição estratégica entre as grandes potências (China, 2019).

A capacidade de Taiwan de operar como um aliado dos EUA na região representa um desafio direto à segurança nacional da China. Portanto, a reunificação de Taiwan é vista como uma forma de neutralizar a influência dos EUA na região. Além disso, a complexidade das relações entre Taiwan e os Estados Unidos é evidenciada pela política de "ambiguidade estratégica" adotada pelos EUA. Embora não reconheçam formalmente Taiwan como um estado independente, os Estados Unidos fornecem apoio militar e político à ilha, o que é interpretado por Pequim como uma provocação e uma ameaça à sua soberania (China, 2019).

Por fim, a China enfatiza a necessidade de uma resposta firme a qualquer movimento em direção à independência de Taiwan, o que pode incluir ações militares. A defesa de Taiwan é considerada uma questão de vital importância para a estabilidade interna da China e para sua posição no cenário internacional, conforme destacado na sua política nacional de defesa de 2019, o PLA<sup>10</sup> (Exército de Libertação Popular) derrotará resolutamente qualquer tentativa de separar Taiwan da China (China, 2019).

---

<sup>10</sup> Neste trabalho será adotado a sigla do inglês *People's Liberation Army* para o Exército de Libertação Popular.

### 3.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Este capítulo abordou a formação histórica de Taiwan e suas complexas relações geopolíticas com a China e os Estados Unidos, fornecendo um contexto essencial para entender a importância estratégica de Taiwan na política nacional de defesa chinesa no século 21. A análise da historiografia de Taiwan revela como diferentes narrativas moldaram as percepções sobre a identidade e a soberania da ilha, destacando a tensão entre as perspectivas chinesa, taiwanesa e americana. Períodos de colonização, guerras e tensões políticas moldaram a identidade e a política de Taiwan, enquanto a transformação econômica e a transição para a democracia afirmaram sua posição como uma entidade distinta e fortalecida. A questão de Taiwan é vista pela China como uma questão de soberania e integridade territorial, sendo a reunificação essencial para a realização do sonho de rejuvenescimento nacional. A separação de Taiwan representaria uma ameaça à sua soberania e estabilidade interna.

As relações geopolíticas entre Taiwan, China e Estados Unidos são centrais para a segurança regional no Leste Asiático. As tensões históricas entre Taiwan e China, exacerbadas pela reivindicação de soberania de Pequim, e o apoio militar e diplomático dos EUA a Taiwan complicam ainda mais o cenário geopolítico. As crises no Estreito de Taiwan exemplificam a importância estratégica da ilha para os interesses americanos e a necessidade de contenção da influência chinesa na região, refletindo a política de "ambiguidade estratégica" dos EUA.

Compreender a formação histórica de Taiwan e suas relações geopolíticas é vital para analisar a estratégia de defesa marítima da China. Taiwan, localizada em uma posição estratégica no Mar da China Oriental, é essencial para o controle das rotas marítimas e a projeção de poder de Pequim no Indo-Pacífico. A integração de Taiwan fortaleceria a capacidade de projeção de poder da China, expandiria sua Zona Econômica Exclusiva e desafiaria a presença militar dos EUA na região, evidenciando a relevância da ilha no contexto das tensões contemporâneas no Leste Asiático.

## 4 A ESTRATÉGIA MARÍTIMA DA CHINA

A estratégia naval da China tem despertado crescente interesse e preocupação no cenário internacional, dada a rápida expansão e modernização de sua Marinha. Conforme destaca Speller (2024), a combinação de poder naval e econômico da China, aliada a políticas agressivas e indústrias extrativas controversas<sup>11</sup>, evidencia a complexidade e abrangência de sua estratégia naval. Nesse contexto, a Marinha Chinesa se tornou um ator significativo nos oceanos globais, desafiando as dinâmicas tradicionais de segurança marítima.

A PLAN tem passado por uma transformação notável, evoluindo de uma força defensiva costeira para uma marinha de águas azuis capaz de operar globalmente (McDevitt, 2020). Esta transformação é crucial para entender a importância estratégica de Taiwan, uma vez que o controle dessa ilha permitiria à China proteger melhor suas rotas marítimas vitais e projetar seu poder no Pacífico.

A estratégia marítima da China é guiada por vários princípios e objetivos, incluindo a proteção das LCM, a defesa da soberania territorial, a projeção de poder e influência, e a modernização tecnológica. Estes objetivos são alcançados através de uma combinação de desenvolvimento de capacidades navais avançadas, construção de bases navais estratégicas, e participação em operações internacionais (McDevitt, 2020). Taiwan, devido à sua localização estratégica, é fundamental para a concretização desses objetivos. O controle sobre Taiwan fortaleceria significativamente a capacidade da China de proteger suas LCM e de projetar poder no Pacífico, assegurando uma vantagem geopolítica sobre potenciais adversários.

A importância estratégica das vias marítimas, como o Mar da China Meridional, onde a China tem investido na construção de ilhas artificiais e instalações militares, é central para sua estratégia. A capacidade de negar acesso a potenciais adversários e garantir a segurança das rotas comerciais vitais reflete a abordagem proativa e abrangente da China para assegurar seus interesses nacionais (McDevitt, 2020). Nesse contexto, Taiwan é vista como uma peça-chave

---

<sup>11</sup> Indústrias extrativas controversas referem-se a atividades que envolvem a extração de recursos naturais, como petróleo, gás e minerais, e que podem gerar conflitos, especialmente em áreas com reivindicações territoriais contestadas. A exploração de recursos marinhos e a extração de metais preciosos frequentemente levantam debates sobre seus impactos ambientais e sociais (Speller, 2024).

na estratégia de defesa em camadas da China, proporcionando uma base avançada para operações navais e uma barreira natural contra intervenções externas.

#### 4.1 A EVOLUÇÃO DA ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA

A evolução da estratégia naval chinesa pode ser compreendida através da análise de suas raízes históricas e das mudanças políticas e econômicas que moldaram a PLAN. Esta evolução é diretamente influenciada pela necessidade de assegurar Taiwan como parte integral da estratégia de defesa marítima da China.

##### 4.1.1 Período Inicial e Influências Históricas

A estratégia naval chinesa tem suas raízes em uma rica tradição marítima que alternou entre períodos de isolamento e expansão. Desde a unificação de diversos reinos guerreiros em 221 a.C., a China continental desenvolveu uma cultura isolacionista, reforçada pela filosofia confucionista, que valorizava a estabilidade e a autossuficiência em detrimento da inovação científica e tecnológica (Araújo, 1985).

De acordo com Paulo Bruno Lorena Araújo (1985), durante os séculos VIII a XI, a China experimentou um significativo desenvolvimento marítimo. A dinastia Song<sup>12</sup>, sob constante ameaça de invasões mongóis, fortaleceu sua marinha, essencial para defender-se dos ataques vindos do Norte e do Oeste, e para controlar vias fluviais e marítimas, fundamentais à proteção das fronteiras e à manutenção das linhas de abastecimento e comunicação (Rhode, 2023).

Segundo Grant Rhode (2023), a dinastia Song do Sul da China, a última grande área terrestre do Leste Asiático fora do controle dos mongóis, era uma potência naval capaz que usava os rios e seus vales no Oeste como escudos e fossos protegidos por patrulhas navais substanciais. As batalhas fluviais e marítimas contra os mongóis duraram de 1267 a 1279 (Rhode, 2023), demonstrando a eficácia da marinha Song. Essa força naval foi crucial na defesa das fronteiras e na

---

<sup>12</sup> A dinastia Song governou a China em dois períodos distintos. A dinastia Song do Norte (960 a 1127) foi sucedida pela Dinastia Song do Sul (1127 a 1279) após a invasão dos Jin, um povo nômade que capturou a capital do norte, Kaifeng, em 1127. A corte Song então se reorganizou no sul da China, estabelecendo a nova capital em Hangzhou, e continuou a governar até a conquista final pelos mongóis em 1279 (Rhode, 2023).

manutenção das LCM. A resistência contínua às invasões mongóis foi essencial para a dinastia Song.

Entretanto, segundo Araújo (1985), a queda dessa dinastia e a subsequente dominação mongol reorientaram o foco da China para as ameaças terrestres, culminando na construção da Grande Muralha. Rhode (2023) observa que os mongóis eventualmente conseguiram submeter a dinastia Song do Sul com poder naval, dando-lhes confiança para tentar operações marítimas mais ambiciosas<sup>13</sup>.

#### 4.1.2 Expansão e Regressão Marítima

A dinastia Ming (1368-1644) marcou um dos períodos mais notáveis da história naval chinesa, com as famosas expedições do Almirante Zheng He, que levaram a esquadra chinesa até as costas da África Oriental. Segundo Araújo (1985), após a morte de Zheng He e devido a pressões internas e externas, a China adotou uma política de fechamento marítimo, proibindo viagens oceânicas e desmantelando sua infraestrutura naval. Durante a dinastia Qing (1644-1912), a China enfrentou novas ameaças marítimas com a chegada dos europeus.

De acordo com a doutora Sue Gronewald (2024), especialista em história chinesa, as expedições de Zheng He, realizadas entre 1405 e 1433, foram inigualáveis na história mundial devido à sua magnitude e ao alcance das viagens, que incluíram paradas na África Oriental. Essas missões envolveram centenas de navios e dezenas de milhares de marinheiros, destacando-se os imensos "navios do tesouro" que mediam mais de 120 metros de comprimento e 50 metros de largura.

A derrota na Primeira e Segunda Guerras do Ópio (1839-1842/1856-1860) expôs a inferioridade tecnológica e organizacional da marinha chinesa. Esses conflitos levaram ao reconhecimento da necessidade de modernização, que, no entanto, foi impedida por corrupção, regionalismo e falta de liderança centralizada (Araújo, 1985).

Após a morte de Zheng He e devido a pressões internas e externas, a China adotou uma política de fechamento marítimo. Como observa Rhode (2023), fatores

---

<sup>13</sup> Os mongóis, que tradicionalmente eram conhecidos por seu poderio militar terrestre, conseguiram derrotar a Dinastia Song do Sul utilizando forças navais. Este é um ponto importante porque demonstra uma adaptação e expansão de suas capacidades militares para além das batalhas terrestres (Fairbank; Goldman, 2006).

como a pressão de facções conservadoras na corte e a necessidade de focar recursos em ameaças terrestres levaram ao abandono das expedições marítimas e ao desmantelamento da frota de Zheng He. Esse fechamento resultou no declínio da supremacia naval chinesa, tornando-a vulnerável às incursões europeias subsequentes.

#### 4.1.3 Era Republicana e Influência Comunista

Com a queda da dinastia Qing e a fundação da República da China, houve tentativas de modernização naval, mas o período foi marcado por instabilidade política, revoltas internas e influências estrangeiras. A invasão japonesa e a subsequente guerra civil entre nacionalistas e comunistas exacerbaram esses problemas (Araújo, 1985). A ascensão do PCC em 1949 trouxe uma nova fase para a marinha chinesa. De acordo com Shikha Aggarwal (2012), a PLAN foi criada no contexto da captura de Nanjing pelas forças comunistas<sup>14</sup>, e inicialmente focava na defesa costeira devido à herança de uma tradição de defesa continental.

Durante a Guerra da Coreia (1950-1953), a PLAN demonstrou capacidade em operações anfíbias e de guerrilha marítima, o que influenciou seu desenvolvimento subsequente (Araújo, 1985). Conforme Aggarwal (2012), estas operações influenciaram significativamente a evolução estratégica da PLAN, que buscou expandir sua profundidade de defesa e capacidade de manobra.

#### 4.1.4 Modernização e Desafios Contemporâneos

A modernização da PLAN é um processo contínuo que envolve avanços tecnológicos, reestruturação organizacional e a ampliação das capacidades operacionais. Esse processo ganhou força na década de 1980, sob a liderança de Deng Xiaoping, que reconheceu a necessidade de modernizar as forças armadas chinesas após os resultados insatisfatórios no conflito com o Vietnã em 1979. Conforme Yoshihara e Holmes (2018), Deng integrou à estratégia da PLAN o

---

<sup>14</sup> Nanjing é a capital da província de Jiangsu, no leste da China. A captura de Nanjing pelas forças comunistas em 1949 foi um marco significativo na Guerra Civil Chinesa, sinalizando a derrota iminente do governo nacionalista do KMT e a consolidação do controle comunista sobre a China continental (Fairbank; Goldman, 2006).

conceito de Defesa Ativa de Mao Zedong, enfatizando que não se deveria adotar apenas uma postura defensiva passiva.

De acordo com Vagner Belarmino de Oliveira (2019), três eventos principais contribuíram para o desenvolvimento e a modernização da PLAN nos anos 1980. Primeiro, a avaliação feita por Deng de que as Forças Armadas chinesas eram mal equipadas e mal adestradas para os conflitos modernos, percepção que se tornou evidente após a Guerra Sino-Vietnamita (1979). Desde então, o PLA começou a estudar operações militares estrangeiras contemporâneas, especialmente ocidentais, para obter uma visão sobre como modernizar suas forças de combate (Oliveira, 2019).

Segundo a decisão estratégica de não considerar mais a União Soviética como a maior ameaça em termos de conflito nuclear global, preparando-se para enfrentar conflitos “pequenos e localizados” (Li, 2011). E por último, a ascensão do General Liu Huaqing como Comandante da PLAN, que planejou e iniciou a modernização da marinha em três estágios: defesa costeira, defesa ativa nos mares próximos e proteção nos mares distantes (Oliveira, 2019; Li, 2011).

O conceito de “*near-seas active defense*” foi inicialmente proposto por Deng Xiaoping em 1979 e posteriormente aprofundado pelo Almirante Liu Huaqing. Essa estratégia envolve o uso combinado de todos os métodos para exercer os efeitos gerais do Poder Marítimo, enquanto incessantemente se exaure e aniquila o inimigo atacante (Yoshihara e Holmes, 2018). Ela também requer a capacidade de localizar e destruir o inimigo, mudar gradualmente o equilíbrio de poder e apropriar o tempo da transição para a contraofensiva estratégica e o ataque (Li, 2011). Esta abordagem enfatizava a necessidade de controlar as áreas marítimas próximas para prevenir ataques e proteger os interesses chineses (Oliveira, 2019).

Sob a liderança de Liu Huaqing, a PLAN foi reorganizada e suas capacidades tecnológicas foram amplamente expandidas. A marinha passou a incorporar novas tecnologias e sistemas de armas avançados, desenvolvendo-se a partir de uma força defensiva costeira para uma marinha capaz de operações em águas distantes (Li, 2011). As estratégias “*near-seas active defense*” e “*far-seas protection*” foram implementadas com o objetivo de defender os interesses marítimos imediatos e estratégicos da China, respectivamente, incluindo a proteção das LCM e das empresas e ativos chineses no exterior (Oliveira, 2019). Conforme Nan Li (2011),

estas estratégias incluem o desenvolvimento de capacidades de A2/AD para dissuadir a intervenção de forças estrangeiras.

A modernização contínua da PLAN é caracterizada pela capacitação tecnológica e pelo desenvolvimento de novas classes de navios e submarinos, incluindo os contratorpedeiros da classe “Luyang III” e os submarinos nucleares de ataque (McDevitt, 2020). A PLAN também tem se concentrado em melhorar o treinamento e a doutrina para preparar suas forças para operações de alta tecnologia e guerra moderna (Li, 2011). Esses avanços permitem que a China projete seu poder naval além das suas águas territoriais, operando de forma mais independente nos oceanos Pacífico e Índico, e consolidando-se como uma força estratégica relevante no cenário global (Oliveira, 2019).

#### 4.2 OS OBJETIVOS ESTRATÉGICOS DA CHINA NA REGIÃO DO PACÍFICO

A China tem buscado consolidar sua presença na região do Pacífico através de uma série de objetivos estratégicos claramente delineados, que visam proteger seus interesses econômicos, políticos e de segurança. Esses objetivos são baseados em uma combinação de fatores históricos, geopolíticos e econômicos que moldam a abordagem chinesa para a região. Taiwan, devido à sua localização, desempenha um papel central na realização desses objetivos.

Um dos principais objetivos estratégicos da China é garantir a segurança das rotas marítimas essenciais para seu comércio exterior. A dependência da China das importações de energia e de matérias-primas, bem como a necessidade de exportar seus produtos manufaturados, torna essencial a proteção das LCM. De acordo com Li (2011), a China enfrenta o “Dilema de Malaca”, que se refere à vulnerabilidade das suas importações de energia que passam pelo Estreito de Malaca. Proteger essas rotas é vital para a segurança energética da China.

A importância dessas rotas é evidenciada pela crescente presença naval chinesa em áreas-chave como o Estreito de Malaca, o Mar da China Meridional e o Oceano Índico (McDevitt, 2020). Taiwan, ao controlar a passagem entre o MSC e o Pacífico Ocidental, torna-se primordial para essa estratégia.

Além disso, a China tem procurado expandir sua influência através da construção de infraestrutura marítima em diversos Estados costeiros. Este esforço,

muitas vezes referido como a "Estratégia do Colar de Pérolas", inclui a construção de portos, bases navais e outras instalações que podem ser utilizadas tanto para fins comerciais quanto militares, permitindo que a China projete seu poder naval e mantenha uma presença estratégica em áreas-chave, como por exemplo em países como Mianmar, Sri Lanka, Paquistão e Djibuti (Li, 2011). O controle de Taiwan permitiria à China integrar ainda mais essas infraestruturas em uma rede de defesa abrangente.

A projeção de poder e a capacidade de intervenção em áreas distantes também são componentes críticos da estratégia chinesa no Pacífico. A modernização da PLAN tem sido um elemento central dessa estratégia, com investimentos significativos em submarinos nucleares, porta-aviões e uma variedade de navios de superfície avançados. Essa modernização visa não apenas a defesa das águas territoriais da China, mas também a projeção de poder em águas mais distantes, assegurando a capacidade de resposta rápida a crises e conflitos (McDevitt, 2020). Taiwan, como base avançada, facilitaria enormemente essas operações.

Finalmente, a China tem buscado fortalecer suas reivindicações territoriais no Mar da China Meridional através de uma série de ações assertivas, incluindo a construção de ilhas artificiais e a instalação de instalações militares nessas ilhas. McDevitt (2020) aponta que essas ações têm gerado tensões com outros países da região e com potências externas, como os Estados Unidos, mas são vistas por Pequim como essenciais para a proteção de seus interesses estratégicos na região. A integração de Taiwan nesse contexto fortaleceria ainda mais a posição da China em suas reivindicações territoriais.

#### 4.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

A análise da estratégia marítima da China revela uma abordagem que combina a proteção das rotas de comércio vital, a expansão da infraestrutura marítima, a modernização da marinha e a afirmação de suas reivindicações territoriais. Esses esforços refletem a ambição de Pequim de se tornar uma potência marítima dominante no Pacífico e de proteger seus interesses nacionais em uma região de crescente importância geopolítica. Taiwan, devido à sua localização estratégica, é fundamental para a concretização desses objetivos.

A segurança das rotas de comércio é um objetivo estratégico fundamental, refletido pela presença naval chinesa em áreas-chave e pela construção de infraestrutura que suporta tanto o comércio quanto operações militares. A modernização contínua da PLAN e a construção de instalações militares em ilhas artificiais no Mar da China Meridional ilustram a determinação da China em proteger suas reivindicações territoriais e projetar poder além de suas águas costeiras. Taiwan, como ponto estratégico, amplifica essa capacidade de proteção e projeção de poder.

## **5 A IMPORTÂNCIA DE TAIWAN PARA A ESTRATÉGIA DE DEFESA MARÍTIMA DA CHINA NO SÉCULO 21**

A importância estratégica de Taiwan na estratégia marítima de defesa da China no século 21 ressalta a relevância crítica das rotas marítimas e a interdependência econômica global. Para compreender a complexidade dessas questões, é essencial basear a discussão nas teorias dos estrategistas contemporâneos Geoffrey Till e Ian Speller. Este capítulo confrontará as teorias apresentadas no Capítulo 2 com a prática, analisando como Taiwan se encaixa na estratégia de defesa marítima da China.

### **5.1 HISTÓRICO DAS RELAÇÕES SINO-TAIWANESAS E SUAS IMPLICAÇÕES ESTRATÉGICAS**

Conforme visto no capítulo 3, a relação entre China e Taiwan tem suas raízes profundas na história moderna, especialmente após a Guerra Civil Chinesa (1945-1949), que levou à separação das duas entidades. Taiwan, governada pela ROC, separou-se da RPC, que reivindica Taiwan como parte de seu território. Essa dinâmica histórica influencia diretamente a estratégia marítima da China.

Na prática, a China considera Taiwan uma província rebelde e mantém uma postura firme sobre sua reunificação. Para garantir que Taiwan não declare independência e que outras nações não interfiram, a China desenvolveu capacidades militares avançadas, como a modernização da PLAN, conforme analisado no capítulo 4 deste trabalho, incluindo uma forte presença naval na região do Pacífico. O conceito das operações de combate no Mar, conforme descrita por Speller (2024), é central para dissuadir intervenções e garantir a capacidade de impor um bloqueio naval, se necessário.

Yoshihara e Holmes (2018) destacam que Taiwan ocupa uma posição estratégica vital para a China, controlando o acesso aos mares adjacentes e influenciando significativamente a capacidade da China de projetar poder além da primeira cadeia de ilhas (figura 1). Através de manobras militares intimidadoras e do crescimento e modernização de sua marinha, a China busca influenciar Taiwan a favor da reunificação, demonstrando seu poder e capacidade de controle. McDevitt

(2020) argumenta que a estratégia de defesa em camadas da China ao redor de Taiwan é projetada para complicar qualquer intervenção estrangeira e proteger os interesses estratégicos chineses.

Erickson (2014) ressalta a importância da modernização naval chinesa e como Taiwan se encaixa na estratégia mais ampla para controlar o MSC e além. O uso do poder marítimo pela China não apenas amedronta Taiwan, mas também dissuade outras nações de intervir no conflito, consolidando ainda mais a posição chinesa. O objetivo é deixar claro que qualquer tentativa de oposição à reunificação será encontrada com uma resposta naval decisiva e contundente.

## 5.2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE GEOFFREY TILL CONFRONTADOS COM A REALIDADE CHINESA

Till (2018) argumenta que a globalização impacta diretamente as estratégias navais e a segurança marítima dos Estados. A China, na prática, tem reforçado suas capacidades navais para garantir rotas marítimas seguras e apoiar seu comércio internacional, conforme visto no capítulo 3. A intensificação do comércio global ressalta a necessidade de uma abordagem cooperativa, mas conforme Felipe Matias Nunes (2020) a China demonstra uma postura mais assertiva em determinadas áreas, como no MSC, onde busca garantir o controle de rotas marítimas estratégicas e proteger seus interesses.

Embora Till (2023) ressalte o desejo chinês de promover o desenvolvimento econômico global e a estabilidade, a China também demonstra uma postura mais assertiva quando LCM mais distantes estão vulneráveis a um bloqueio. A necessidade de romper a primeira cadeia de ilhas para projetar poder em águas mais distantes, como a reintegração de Taiwan à sua soberania conforme abordado por Padula e Fernandes (2020) demonstra essa assertividade. A construção de ilhas artificiais no MSC e o desenvolvimento de capacidades A2/AD são exemplos concretos dessa estratégia (Till, 2023).

A China busca conciliar a necessidade de cooperação internacional com a defesa de seus próprios interesses nacionais. Essa dualidade reflete a complexidade da estratégia marítima chinesa, que é moldada por fatores econômicos, políticos e de segurança. Ao mesmo tempo em que busca garantir a estabilidade global para

facilitar seu crescimento econômico, a China também busca expandir sua influência regional e desafiar a ordem internacional estabelecida.

Conforme Till (2023), o ciclo virtuoso marítimo descreve a interconexão entre comércio marítimo, infraestrutura portuária e crescimento econômico. A China, ao investir pesadamente na modernização de sua marinha e na construção de portos modernos e eficientes ao longo de sua costa e em regiões estratégicas como o MSC, busca criar um ciclo contínuo de prosperidade e segurança. O controle de Taiwan é visto como crucial para garantir a segurança dessas rotas marítimas (McDevitt, 2016) e fortalecer ainda mais o ciclo virtuoso marítimo, impulsionando o desenvolvimento econômico da China.

No entanto, a implementação do ciclo virtuoso marítimo enfrenta desafios, como a dependência de parceiros comerciais estrangeiros e a necessidade de garantir a segurança marítima em um ambiente cada vez mais complexo. A China, sendo a maior parceira comercial de muitas regiões, incluindo a União Europeia e a América Latina (Council on Foreign Relations, 2023; Eurostat, 2024), depende fortemente de suas parcerias comerciais internacionais para sustentar seu crescimento econômico. Além disso, as ambições marítimas chinesas geram tensões geopolíticas e podem desencadear reações de outros Estados na região (International Crisis Group, 2021).

Segundo Till (2018), o poder marítimo é a capacidade de um Estado influenciar o comportamento de outros por meio de ações marítimas. A China, ao adotar uma estratégia de poder marítimo abrangente, busca garantir a segurança de suas rotas marítimas, proteger seus interesses econômicos e fortalecer sua posição como potência global. A construção de ilhas artificiais no MSC e o desenvolvimento de capacidades A2/AD são exemplos da projeção de poder militar chinês (Yoshihara e Holmes, 2018). No entanto, a China também utiliza o "*soft power*"<sup>15</sup>, como a diplomacia e a cooperação em projetos de infraestrutura, para expandir sua influência global, exemplificado pela BRI (Neto, 2019).

A BRI demonstra a ambição chinesa de controlar o comércio global e construir uma nova ordem econômica internacional. Contudo, a China enfrenta desafios significativos, como a resistência de outros países, especialmente dos

---

<sup>15</sup>O *soft power* é a capacidade de um país de influenciar outros por meio da atração e persuasão, em vez de coerção militar. Associado a elementos culturais, políticos e ideológicos, permite a construção de uma imagem positiva e a promoção de interesses de forma eficaz (Till, 2018).

Estados Unidos, e preocupações ambientais relacionadas à sua expansão marítima. Para equilibrar seus objetivos de crescimento econômico e projeção de poder, a China precisa manter relações construtivas com outras nações e garantir a estabilidade regional. A segurança marítima é fundamental para proteger as rotas comerciais chinesas e garantir o suprimento de recursos naturais, sendo um elemento central na estratégia de poder marítimo da China.

A integração de Taiwan à BRI permitiria à China expandir sua rede de investimentos e fortalecer sua posição como líder econômico mundial. De acordo com Nadège Rolland (2017), a iniciativa visa promover a conectividade regional e a cooperação econômica, alinhando-se com os interesses da China de aumentar sua influência e criar um ambiente favorável ao seu crescimento contínuo. Isso confirma a visão de Till (2018) sobre a BRI, que destaca o progresso e a estabilidade mundial por meio do desenvolvimento econômico e da cooperação global. No entanto, observa-se que o principal interesse da China é exercer influência econômica e geopolítica nos países participantes, protegendo assim as principais rotas comerciais do mundo (Neto, 2019).

Taiwan desempenha um papel fundamental na concretização deste projeto. Sua localização estratégica no coração das rotas comerciais entre o continente asiático e o Pacífico a posiciona como um potencial *hub* logístico e financeiro vital para a nova Rota da Seda. Ao controlar Taiwan, a China garantiria a segurança das rotas marítimas e consolidaria sua influência sobre o comércio global.

Portanto, Taiwan não é apenas um ativo geopolítico, mas um componente importante para as ambições da China na nova ordem econômica global. Integrada à estratégia de defesa marítima da China, Taiwan desempenha um papel primordial na manutenção do fluxo comercial mundial. Ao garantir que suas rotas marítimas permaneçam fluidas e protegidas, a China busca impedir qualquer interrupção que possa comprometer sua posição de liderança econômica e influência global.

### 5.3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE IAN SPELLER CONFRONTADOS COM A REALIDADE CHINESA

Speller (2024) define a estratégia marítima como um conjunto de princípios e ações que visam controlar ou influenciar o ambiente marítimo para alcançar

objetivos políticos, econômicos ou militares. A China, por sua vez, integra suas forças navais em uma estratégia nacional mais ampla, visando garantir a segurança marítima, proteger as rotas comerciais, e promover seus interesses na região Indo-Pacífico.

De acordo com Padula e Fernandes (2020) o estreito de Taiwan faz parte do perímetro de segurança da China no Leste Asiático, que inclui também o Mar Amarelo e o Mar do Leste da China e o MSC, sendo estas áreas de grande importância estratégica para a China. A presença naval chinesa nessas regiões reflete tanto a continuidade de antigas reivindicações territoriais quanto a necessidade de garantir a segurança marítima em um contexto de crescente competição geopolítica conforme visto no capítulo 3. A projeção de poder e a influência regional são objetivos-chave da estratégia marítima chinesa no estreito de Taiwan e no MSC. Ao fortalecer sua presença naval, a China busca consolidar sua soberania, deter possíveis intervenções externas e garantir o acesso a recursos estratégicos.

Conforme destaca Speller (2024), operações de combate no mar visam controlar o espaço marítimo. De acordo com Letícia Cordeiro Simões de Moraes Lima (2021), a China, por exemplo, realiza frequentes exercícios navais e patrulhas ao redor de Taiwan, afirmando seu domínio (marítimo) e garantindo a liberdade de navegação para suas forças. Essas ações incluem exercícios antissubmarino, antiaéreo e de desembarque anfíbio, demonstrando uma ampla gama de capacidades (Oliveira, 2010).

De acordo com Speller (2024), para negar o acesso a forças adversárias e proteger áreas estratégicas, a China emprega a estratégia A2/AD. Através de mísseis antinavio de alta precisão, como o DF-21D, defesas costeiras e minas marítimas, a China dificulta a entrada de forças inimigas em áreas sensíveis, como o Estreito de Taiwan (McDevitt, 2022). Essa estratégia visa não apenas deter potenciais agressores, mas também projetar poder e reforçar suas reivindicações territoriais.

As ações da China no Mar da China Meridional têm profundas implicações para a segurança regional e para o equilíbrio de poder global. A intensificação da militarização da região e a crescente competição entre grandes potências aumentam o risco de conflitos acidentais ou calculados (Lima, 2021).

Speller (2024) destaca a aplicação do conceito de defesa em camadas pela China para proteger suas bases navais e áreas de interesse ao redor de Taiwan. Essa estratégia envolve a implementação de múltiplas linhas de defesa, desde sensores avançados e sistemas de armas de curto alcance, como mísseis terra ar e canhões, até sistemas de defesa aérea de longo alcance e submarinos. A integração dessas camadas, sob um sistema de comando e controle robusto e com o apoio de inteligência, permite uma resposta rápida e eficaz a diversas ameaças, incluindo mísseis, aeronaves, submarinos, e outras formas de guerra moderna, como guerra eletrônica e cibernética (Yoshihara e Holmes, 2018).

O objetivo primário dessa defesa em camadas é negar o acesso e a manobra de forças inimigas em áreas sensíveis, como o Estreito de Taiwan, protegendo assim bases navais e outras infraestruturas críticas essenciais para a projeção de poder da China. No entanto, Yoshihara e Holmes (2018) afirma que a eficácia desse sistema pode ser desafiada por ataques massivos e saturados, exigindo investimentos contínuos em pesquisa e desenvolvimento para manter sua superioridade tecnológica. Além disso, os altos custos associados à implementação e manutenção de um sistema de defesa tão complexo representam um desafio significativo (McDevitt, 2022).

O conceito de zona cinzenta, conforme descrito por Speller (2024), refere-se a atividades estratégicas que desafiam a distinção entre paz e guerra. A China, no contexto de Taiwan, emprega a "estratégia do repolho" como uma ferramenta de pressão política e militar. Ao cercar a ilha com múltiplas camadas de embarcações, desde pesqueiros até navios de guerra, a China visa criar uma presença constante e intimidante, desgastando a autonomia de Taiwan e reforçando suas reivindicações de soberania (McDevitt, 2022).

Essa estratégia não apenas dificulta a navegação livre no estreito de Taiwan, mas também serve como um teste para a resolução dos Estados Unidos e de outros aliados de Taiwan. Ao demonstrar sua capacidade de alterar o status quo de forma gradual e incremental, a China busca minar a confiança internacional no compromisso de defender Taiwan em caso de uma eventual invasão.

A "estratégia do repolho" representa um desafio significativo para a ordem internacional, pois desafia o princípio da não-proliferação de força e a resolução pacífica de disputas. Conforme Speller (2024) a resposta internacional a essa

estratégia tem sido variada, com alguns países adotando uma postura mais firme e outros buscando a diplomacia para evitar uma escalada do conflito.

### 5.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

A história das relações entre China e Taiwan, os desafios e oportunidades na busca da China por se tornar uma potência marítima global, e as ações da China no MSC são interligados e contribuem para moldar a estratégia marítima atual da China.

As teorias de Geoffrey Till e Ian Speller fornecem um arcabouço teórico para analisar as motivações e ações da China, destacando a importância do poder marítimo, da defesa em camadas, das estratégias de antiacesso e negação de área, das táticas de zona cinzenta e da estratégia do repolho.

Além disso, a Iniciativa do Cinturão e Rota destaca a ambição chinesa de controlar o comércio global e construir uma nova ordem econômica internacional. Taiwan, nesse contexto, desempenha um papel essencial na concretização dessa iniciativa, reforçando a importância estratégica da ilha para a China em um ambiente marítimo cada vez mais contestado do MSC.

## 6 CONCLUSÃO

Este trabalho explorou a importância de Taiwan para a estratégia de defesa marítima da China no século 21, com base nas teorias de Geoffrey Till e Ian Speller, e em uma análise histórica e geopolítica.

No Capítulo 2, apresentamos os conceitos teóricos fundamentais para compreender a estratégia marítima de defesa da China. As teorias de Geoffrey Till e Ian Speller forneceram uma base sólida para analisar as motivações e ações da China no MSC e no Estreito de Taiwan.

Till destacou a importância do poder marítimo para a defesa, proteção do comércio e projeção de influência estratégica. A interdependência econômica global e a necessidade de segurança nas rotas comerciais foram sublinhadas, com o conceito de ciclo virtuoso marítimo sendo particularmente relevante no contexto da BRI. Speller complementou essa análise, enfatizando o controle do espaço marítimo e as operações de combate no mar, além de destacar as estratégias de A2/AD e a defesa em camadas.

Em seguida, o Capítulo 3 abordou o contexto histórico e geopolítico das relações entre China e Taiwan, fornecendo um contexto essencial para entender a importância estratégica de Taiwan na política nacional de defesa chinesa. A análise da historiografia revelou como diferentes narrativas moldaram as percepções sobre a identidade e a soberania de Taiwan, destacando a tensão entre as perspectivas chinesa, taiwanesa e americana.

Períodos de colonização, guerras e tensões políticas moldaram a identidade e a política de Taiwan, enquanto a transformação econômica e a transição para a democracia afirmaram sua posição como uma entidade distinta e fortalecida. A questão de Taiwan é vista pela China como uma questão de soberania e integridade territorial, sendo a reunificação essencial para a realização do sonho de rejuvenescimento nacional. As relações geopolíticas entre Taiwan, China e Estados Unidos são centrais para a segurança regional no Leste Asiático.

No Capítulo 4, analisamos a estratégia marítima da China, que combina a proteção das rotas de comércio vital, a expansão da infraestrutura marítima, a modernização da marinha e a afirmação de suas reivindicações territoriais. Esses esforços refletem a ambição de Pequim de se tornar uma potência marítima dominante no Pacífico e de proteger seus interesses nacionais em uma região de

crescente importância geopolítica. A segurança das rotas de comércio é um objetivo estratégico fundamental, evidenciado pela presença naval chinesa em áreas-chave e pela construção de infraestrutura que apoia tanto o comércio quanto operações militares.

A modernização contínua da PLAN e a construção de instalações militares em ilhas artificiais no Mar da China Meridional ilustram a determinação da China em proteger suas reivindicações territoriais e projetar poder além de suas águas costeiras. Taiwan, devido à sua localização estratégica, amplifica essa capacidade de proteção e projeção de poder.

Posteriormente, no Capítulo 5, focamos na interligação entre a história das relações entre China e Taiwan, os desafios e oportunidades na busca da China por se tornar uma potência marítima global, e as ações da China no MSC. As teorias de Geoffrey Till e Ian Speller forneceram um arcabouço teórico essencial para analisar as motivações e ações da China, destacando a importância do poder marítimo, da defesa em camadas, das estratégias de A2/AD, das táticas de zona cinzenta e da estratégia do repolho. A BRI foi destacada como uma expressão da ambição chinesa de controlar o comércio global e construir uma nova ordem econômica internacional, com Taiwan desempenhando um papel essencial nesse contexto.

A análise realizada ao longo deste trabalho evidenciou que Taiwan é fundamental para a estratégia de defesa marítima da China no século 21. A localização estratégica de Taiwan permite o controle sobre rotas marítimas essenciais, garantindo a segurança do comércio internacional e a projeção de poder naval. O controle de Taiwan fortaleceria a capacidade da China de implementar suas estratégias de A2/AD e defesa em camadas, proporcionando uma defesa robusta contra possíveis ameaças.

A utilização das teorias de Geoffrey Till e Ian Speller permitiu compreender a importância do poder marítimo e das operações de combate no mar, bem como as táticas não convencionais que a China emprega para reforçar suas reivindicações territoriais e proteger seus interesses marítimos. A BRI destaca a interligação entre o desenvolvimento econômico e o fortalecimento das capacidades navais, demonstrando a importância das rotas marítimas seguras para a expansão da influência chinesa.

O futuro das relações entre China e Taiwan, bem como a estabilidade no MSC e no Estreito de Taiwan, dependerá da capacidade da China de manter e

fortalecer seu poder marítimo. A importância de Taiwan na estratégia de defesa marítima da China continuará a ser um ponto de tensão nas relações internacionais, especialmente com os Estados Unidos e outros países do Indo-Pacífico. O aprofundamento das estratégias de defesa marítima da China e a resposta da comunidade internacional a essas ações determinarão a dinâmica futura da segurança marítima na região. A cooperação internacional e a gestão pacífica das disputas territoriais serão de extrema importância para a manutenção da estabilidade e prosperidade na região.

Em resumo, Taiwan desempenha um papel central na estratégia de defesa marítima da China no século 21. A análise teórica e empírica deste trabalho evidenciou a importância estratégica da ilha para o controle das rotas marítimas, a projeção de poder e a implementação das estratégias de defesa marítima chinesas. A compreensão desses elementos é vital para analisar as futuras ações da China e suas implicações para a segurança regional e global. Taiwan, devido à sua localização estratégica, continuará a ser um ponto focal na política de defesa da China. A evolução das relações sino-taiwanesas e a resposta internacional a essa dinâmica serão determinantes para a configuração do cenário geopolítico no Indo-Pacífico nas próximas décadas.

Por fim, sugere-se, como linha de pesquisa futura, uma análise comparativa da estratégia naval da China e do EUA, levando em consideração um cenário em que Taiwan já tenha sido reunificada ao governo chinês.

## REFERÊNCIAS

AGGARWAL, Shikha. **China's Naval Strategy: Strategic Evolution and Emerging Concepts of Warfare**. AIR POWER Journal, Vol. 7, No. 2, Summer 2012. Disponível em: <https://capsindia.org/wp-content/uploads/2022/09/Shikha-Aggarwal.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2024.

ARAÚJO, Paulo Bruno Lorena. A Estratégia Naval da República Popular da China. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 105, p. 109-131, out./dez. 1985. China Power. How Much Trade Transits the South China Sea? China Power Project. 2 de agosto de 2017. Atualizado em 25 de janeiro de 2021. <https://chinapower.csis.org/much-trade-transits-south-china-sea/> Acesso em: 15 abr. 2024.

COLE, Bernard D. **Asian Maritime Strategies Navigating Troubled Waters**. Annapolis: Naval Institute Press, 2013. 240 p.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. (2023). **China's Growing Influence in Latin America**. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/china-influence-latin-america-argentina-brazil-venezuela-security-energy-bri>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DAVISON, Gary Marvin. **A short history of Taiwan: The case for independence**. Westport, CT: Praeger Publishers, 2003.

ERICKSON, A. S. (2014). China's Naval Modernization: The Implications of Seapower. **World Politics Review**, Brooklyn, v. 2014, 23 set. 2014. Disponível em: <https://www.worldpoliticsreview.com/china-s-naval-modernization-the-implications-of-seapower/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

EUROSTAT. **China-EU - international trade in goods statistics. 2024**. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/SEPDF/cache/55157.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: A New History**. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2006.

FEDDERSEN, Gustavo Henrique. **A questão de Taiwan na interação estratégica do Leste Asiático**. 2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158140/001018709.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FEODRIPPE, Rita de Cassia Oliveira et al. **A importância da tecnologia de vigilância para a estratégia marítima chinesa no mar do sul da China**. Marinha do Brasil escola de Guerra Naval mestrado profissional em estudos marítimos, 2019. Disponível em:

<https://www.repositorio.mar.mil.br/bitstream/ripcmb/844613/1/FEODRIPPE.pdf>.

Acesso em: 22 abr. 2024.

GRONEWALD, Sue. Asia for Educators. **The Ming Voyages**. Columbia University, 2024. Disponível em:

[https://afe.easia.columbia.edu/special/china\\_1000ce\\_mingvoyages.htm](https://afe.easia.columbia.edu/special/china_1000ce_mingvoyages.htm). Acesso em:

28 abr. 2024.

HILLMAN, Jonathan E. **The Emperor's New Road: China and the Project of the Century**. New Haven, CT: Yale University Press, 2020.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. **The Philippines' Dilemma: How to Manage Tensions in the South China Sea**. 2021. Disponível em:

<https://www.crisisgroup.org/sites/default/files/316-the-philippines-dilemma%20%28%29.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2024.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

KOLLING, Gabriela Menezes; PAULA, Maria Luiza Garcia de; FEDDERSEN, Gustavo Henrique. **Jogo dos Mares: A geopolítica por trás das tensões no Mar do Sul da China**. Diálogo, Canoas, n. 52, p. 01-12, julho 2023. Disponível em:

<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/download/10140/4117>.

Acesso em: 10 maio 2024.

LI, Nan. **The evolution of China's naval strategy and capabilities: from "near coast" and "near seas" to "far seas"**. In: SAUNDERS, Phillip C. et. al. (Ed.). *The chinese navy: expanding capabilities, evolving roles*. Washington, D.C.: National Defense University Press, 2011. cap. 5, p. 109-140.

LI, Xiaobing. **The History of Taiwan**. Santa Barbara: Greenwood Publishing Group, Inc., 2019.

LIMA, Letícia Cordeiro Simões de Moraes. **Mudança de Maré? A (re)visão chinesa sobre o Mar do Sul da China**. 2021. 219 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2021.

Disponível em:

<https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/18063/2/Tese%20-%20Let%c3%adcia%20Cordeiro%20Sim%c3%b5es%20de%20Moraes%20Lima%20-%202021%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MCDEVITT, Michael. **Becoming a Great "Maritime Power": A Chinese Dream**. Center for Naval Analyses, 2016. Disponível em:

[https://www.cna.org/archive/CNA\\_Files/pdf/irm-2016-u-013646.pdf](https://www.cna.org/archive/CNA_Files/pdf/irm-2016-u-013646.pdf). Acesso em: 10 jun. 2024.

MCDEVITT, Michael A. **China as a twenty-first century naval power: Theory, practice, and implications**. Annapolis: Naval Institute Press, 2020. 329 p.

MOURA, Rafael. **Industrialização, desenvolvimento e emparelhamento tecnológico no Leste Asiático**. 2021. Disponível em: <https://alacip.org/wp-content/uploads/2022/02/MOURA-Rafael.-Industrializacao-Desenvolvimento-e-Emparelhamento-Tecnologico-no-Leste-Asiatico.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NETO, Edmilson Cunha Melo. **A (re)ascensão e expansão da China no mundo globalizado: analisando a nova rota da seda sob as óticas econômica e geopolítica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15557/1/ECMN05092019.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2024.

NUNES, Felipe Matias. **A estratégia naval da China no século XXI: uma análise sob a ótica do Anti-Access/Area-Denial**. 2020. Dissertação (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/CEMOS\\_046\\_MO\\_NO\\_CC\\_CA\\_MATIAS%20NUNES\\_0.pdf](https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/CEMOS_046_MO_NO_CC_CA_MATIAS%20NUNES_0.pdf). Acesso em: 14 jun. 2024.

OLIVEIRA, Roberto Koncke Fiuza de. **O emprego de submarinos na estratégia naval da China**. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, v. 130, n. 07/09, p. 63-86, jul./set. 2010.

OLIVEIRA, Vagner Belarmino de. **Evolução da Estratégia Naval da China e suas lições para a Marinha do Brasil**. Caderno da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, v. 3, p. 6-86, 2019. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/cadernodecienciasnavais/article/download/2238/2212/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

PADULA, Raphael; FERNANDES, Felipe Gusmão Carioni. *O Mar do Sul da China: seu valor estratégico e a geoestratégia chinesa*. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 23, e59790, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/download/59790/34720/280052>. Acesso em: 20 jun. 2024.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **Livro Branco de Defesa de 2019**, Título original: China's National Defense in the New Era. Beijing: Escritório da Informação do Conselho de Estado da República Popular da China, 2019. Disponível em: <https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/CASI/documents/Translations/2019-07%20PRC%20White%20Paper%20on%20National%20Defense%20in%20the%20New%20Era.pdf?ver=akpbGkO5ogbDPPbflQkb5A%3D%3D>. Acesso em: 15 mai. 2024.

RHODE, Grant. **Mongol Invasions of Northeast Asia: Korea and Japan**. Boston University, 2023. Disponível em: <https://www.asianstudies.org/wp-content/uploads/Case-Study-Mongol-Invasions-of-Northeast-Asia-1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

ROLLAND, Nadège. **Drivers of the Belt and Road Initiative**. In: China's Eurasian Century: Political and Strategic Implications of the Belt and Road Initiative. 2017. p. 93-122. Disponível em: [https://www.nbr.org/wp-content/uploads/pdfs/programs/chinas\\_eurasian\\_century\\_ch3.pdf](https://www.nbr.org/wp-content/uploads/pdfs/programs/chinas_eurasian_century_ch3.pdf). Acesso em: 5 jul. 2024.

SPELLER, Ian. **Understanding naval warfare**. 3. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2024.

TILL, Geoffrey. **How to Grow a Navy - The Development of Maritime Power**. Londres e Nova York, 2023.

TILL, Geoffrey. **Poder marítimo: questões relevantes e desafios**. Revista da Escola de Guerra Naval, v. 6, n. 1, p. 1-24, 2005. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistadaegn/article/download/4831/4646/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

TILL, Geoffrey. **Seapower: A Guide for the Twenty-First Century**. 4 ed. Londres: Routledge, 2018.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). (2016). **Review of Maritime Transport 2016**. New York and Geneva: United Nations. Disponível em: [https://unctad.org/system/files/official-document/rmt2016\\_en.pdf](https://unctad.org/system/files/official-document/rmt2016_en.pdf). Acesso em: 10 abr. 2024.

XIAOJUN, Katie Zeng. **East Asia: Impact of China and Taiwan conflict on shipping**. Risk intelligence, 2022. Disponível em: <https://www.riskintelligence.eu/analyst-briefings/east-asia-impact-of-china-and-taiwan-conflict>. Acesso em: 6 de abr. 2024.

YOSHIHARA, Toshi; HOLMES, James R.; **Red Star over the Pacific: China's Rise and the Challenge to U.S.** Maritime Strategy. 2 ed. Annapolis: Naval Institute Press, 2018.

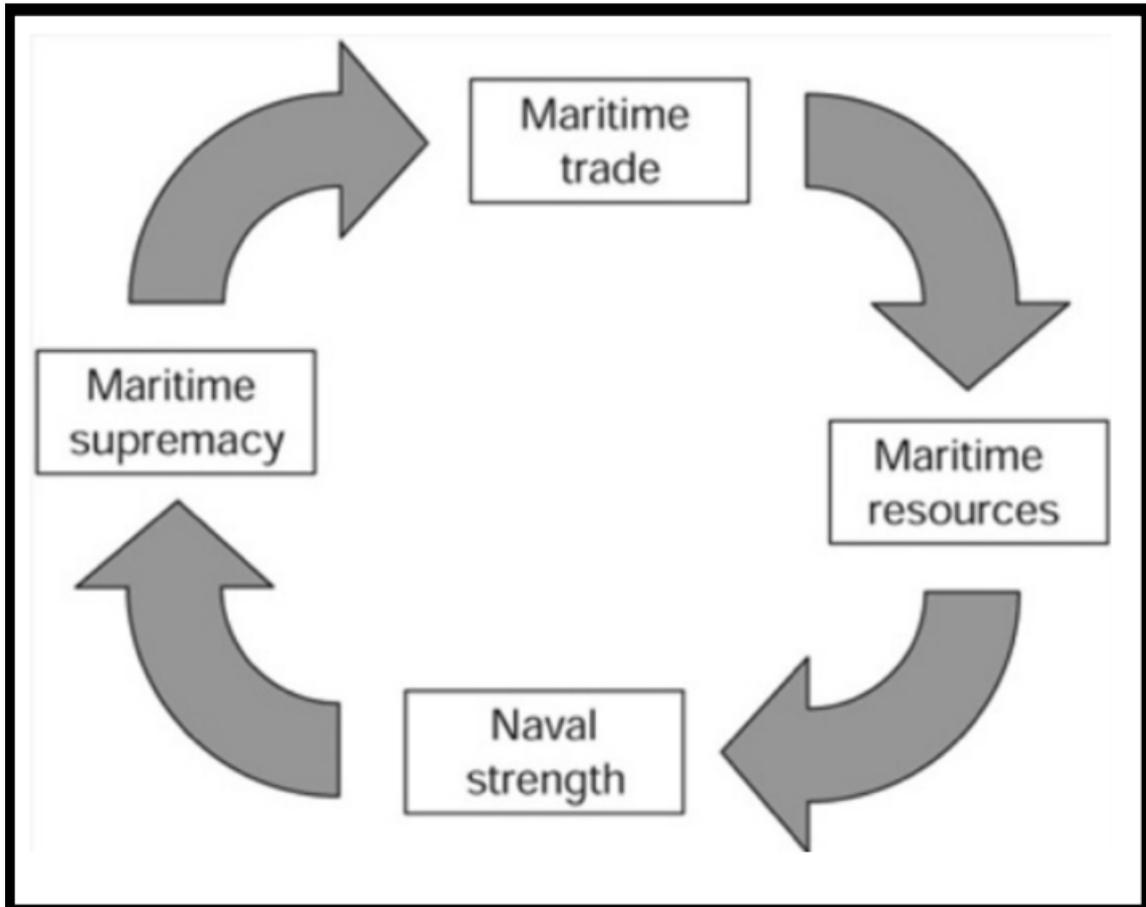
## ANEXO – LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Primeira e Segunda Cadeia de Ilhas no MSC



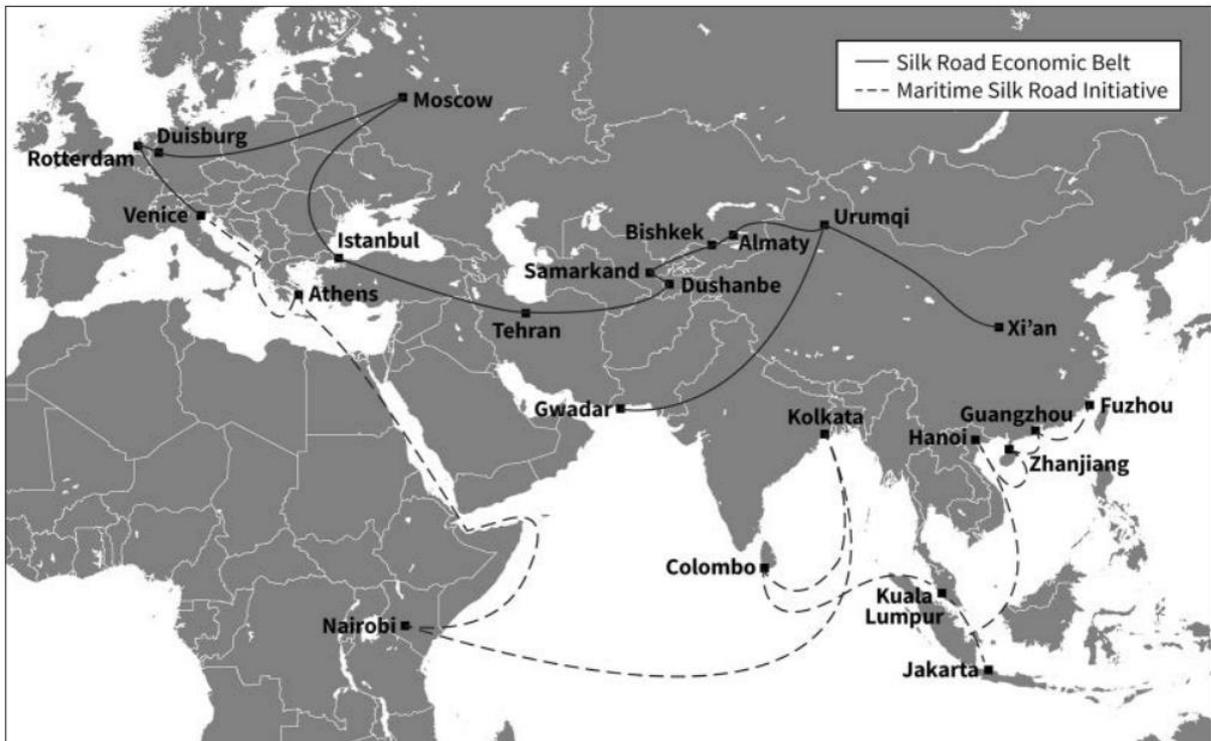
Fonte: Yoshiara e Holmes, 2018, p.79.

Figura 2 – O Ciclo virtuoso Marítimo



Fonte: Geoffrey Till, 2018, p. 18.

Figura 3 – Mapa ilustrativo da Iniciativa do Cinturão e Rota (Cinturão Econômico em linha contínua e Rota Marítima em linha pontilhada)



Fonte: Hillman, 2020, p. 10.